

A EXPLOTAÇÃO AMAZÔNICA

Araújo Lima

autor de *Amazônia — a terra e o homem*

A bacia do “Rio das Amazonas”, expressão geográfica por que se objetivou a lenda de um “reino de ouro” sugerida à mentalidade cúpida do século pelas narrativas fantasiosas das explorações de ORELLANA e URSÚA, começava a ser conquistada pelos portugueses, pode dizer-se à revelia dos espanhóis.

A miragem lendária do “El-Dorado”, refulgindo como luzido imã norteador das primeiras aventuras em caça de fantásticos tesouros, não seduzia os súditos da Casa de Castela, que, à falta de notícias precisas de ouro, por cálculos de imediata ambição quase se desinteressaram de empresa tão laboriosa quão arriscada. Por isso, se lhes prefigurando irrealizável, ou pelos menos penosa, tal conquista política em paragens geograficamente vagas e distantes, voltavam os espanhóis suas vistas utilitárias para riquezas mais próximas e tangíveis, repousando a consciência cristã no alvitre de transferir, à Companhia de Jesús, a atribuição espiritual de chamar à fé e à civilização as populações selvagens, mais ou menos errantes, que naquele mundo remoto pervagassem, aguerridas e hostís à penetração europeia.

A anexação de Portugal à Hespanha provocara, no ânimo despeitado e ambicioso das potências inimigas desta, uma reação de cobiça, que se lhes traduzira por impulsos de colonização e posse das terras amazônicas, reconhecidas como espanholas pelos ditames do Tratado de Tordesilhas, e que ainda mais o seriam, caso conquistadas pelos portugueses, dada a subordinação de toda a península ibérica à dinastia filipina.

Assim a cupidez de holandeses e ingleses, e ainda dos franceses, acendia-se às cintilações de ouro irradiadas das terras fabulosas, desnudadas à ambição da Europa pela lenda e fantasia que sobredoiravam a crônica dos feitos de ORELLANA.

Pela influência de tal sedução, e por espírito de rivalidade, desde o início do século XVII, a Inglaterra e a Holanda para ali voltam suas aspirações vorazes, dando a concessionários, por direitos que elas próprias se arrogavam, poderes de penetração nas novas terras, logrando antever uma perspectiva de dominação, entabulada pacificamente por meio do tráfico comercial com os aborígenes nativos, mas também arimada belicamente no aparato militar, nas margens dos rios assentando *fortins*, em cujas couraças se abroquelariam, em eventual oportunidade, para disputarem o domínio ambicionado.

Enquanto ingleses e holandeses se ensaiavam na ocupação das terras recém-descobertas, os portugueses, — provindos de Pernambuco em direção ao norte e nas pégadas dos franceses, com o fim de expulsá-los da costa brasileira, — chegavam às plagas amazônicas, onde

FRANCISCO CALDEIRA CASTELO BRANCO fundava Belém, em 1616. Aqui assentaram a sua base de operações guerreiras, para atacarem e destroçarem holandeses e ingleses, como de fato o fazem, do Xingú a Cumak. De 1623 a 1632, vão sendo arrasados pelos portugueses os fortins dos inimigos da Espanha, até cair o último, em Macapá. Montando o forte de Gurupá, para substituir outro holandês, uma década depois marcam no Tapajoz mais uma etapa de ocupação.

Destinado a ser espanhol pelo Tratado de Tordesilhas, sem violação dêste, e no curso natural das aspirações ibéricas, foi o rincão amazônico, em prolação natural, se deslocando para a esfera do domínio português. Feitos súditos da coroa espanhola, foram os portugueses em aviso de 4 de Novembro de 1621 investidos, por Filipe IV, da missão de conquista e povoamento da costa paraense e proximidades, vindo dest'arte se apor oficialmente, ao desinterêsse virtual dos espanhóis, a incumbência régia, cometida aos portugueses, de conquistar e povoar aquele extremo setentrional do Brasil; e não usurpavam, porque os interesses eram comuns aos dois povos peninsulares.

Quando, em 1640, Portugal se emancipava da Espanha reconquistando sua libertação, justiça é reconhecer que, já tendo preservado para a coroa ibérica os domínios amazônicos, arrebatados aos invasores em pugnas guerreiras, entravam os portugueses definitivamente na posse de uma terra que eles conquistaram e defenderam, em face do desinterêsse, senão descaso dos espanhóis.

Vencidos e expulsos os que se queriam apossar da região, passariam os portugueses à árdua tarefa de disputá-la aos seus legítimos donos, os selvícolas. As tentativas de penetração eram contrariadas pela hostilidade guerreira dos senhores da terra: os nativos sangravam as "entradas", expoliando-as dos seus elementos vitais.

Começara a intervenção religiosa, vinda de cima, com a ação dos Franciscanos, de Quito. Mas a fé catequista começa a esmorecer ante a rebeldia indígena, patenteada sangrentamente na tragédia em que pereceu JUAN DE PALACIOS, no massacre desferido pelos Encabellados, indóceis e irreverentes à palavra evangelizadora, contra ela própria investindo selvagememente.

Poderia parecer que arrefeciam as ambições. Mas sempre domina-as o instinto; a audácia afoga o espírito de conservação. A visão resplendente do "País da Canela" incandesce as imaginações. Por isso, nas altanarias do Perú continuava palpitando o sangue febril da aventura, e de lá mesmo, no roteiro de ORELLANA, desceria uma coorte desvendadora: um punhado de heróis anônimos põe-se em marcha, descendo o Napo, intrépidos e audazes, desafiando riscos incriveis e indescritíveis, sob a assistência espiritual de Freis DOMINGOS DE BRIEBA e ANDRE' DE TOLEDO, que levavam a palavra e o gesto de conversão aos ferozes nativos.

Depois de mais de cem dias de tormentosa viagem, sempre tangidos pelos índios, que impiedosamente os torturavam, em 5 de Fevereiro de 1637 chegam os aventureiros, exaustos e desnudos, ao forte de Gurupá, daí rumando para Belém, e finalmente alcançando São Luiz, no Maranhão, perante cujo governador fazem a sensacional narração dos lances da odisséia.

E como se oferecessem os narradores, para “guias” de uma expedição até Quito, aquele governador, que administrava o Maranhão, o Grão-Pará e a Amazônia, foi tomado do ímpeto de pôr em prática as ordens régias, há muito positivadas no sentido de devassar e consumir a conquista do rio de ORELLANA, na sua vastíssima massa oceânica; ordens régias cujo cumprimento, por temor, hesitação ou outra causa, vinha sendo procrastinado.

Contravertida a idéia, por oposição e crítica de muitos, foi afinal vencedor o arrojado propósito do governador, sendo decidida e apresada a expedição; e a 27 de Outubro de 1637, partindo de Cametá, subia a aparatosa “bandeira”, chefiada por PEDRO TEIXEIRA, já notável pela bravura, eficiência e tato com que se houvera na peleja contra holandeses e ingleses.

Difícilmente arroláveis os tropeços, assaltos, indecisões de rota, obstáculos mil que teve de enfrentar e anular, em sua subida tormentosa, a famosa expedição capitaneada por PEDRO TEIXEIRA, removendo todos os óbices, tudo vencendo, desde a impetuosidade da corrente fluvial até a agressividade dos índios. Não tardou que se sentisse a tropa abatida por cansaço, desânimo, falta de fé, doenças. Não fôsse a energia e habilidade do chefe, ter-se-ia desagregado, pela indisciplina e pela deserção, a vultosa caravana.

Mas a despeito de todos os acidentes e revezes, ia-se registrando o itinerário da expedição com tôdas as particularidades potamográficas, assinalados os afluentes e quaisquer cursos d'água, observados os costumes das tribos indígenas bem como as suas produções e recursos, surpreendida a riqueza do solo e exaltada a exuberância florestal. Nem lhe passou despercebida, a PEDRO TEIXEIRA, a situação estratégica de Óbidos, para lhe inspirar um plano de defesa, naquela garganta do rio, contra as tentativas de futuros invasores.

Depois de haver alcançado Quito como triunfador, com a mesma auréola regressa à Belém, depois de vinte e seis meses, o ousado sertanista. E, ainda em cumprimento de ordens recebidas, fundou à margem do Napo a povoação de Franciscana, em nome de Filipe IV, mas para a Coroa de Portugal, estendendo até alí os limites da Amazônia, que em breve viria ser portuguesa, alterado dess'arte o traçado divisório do Tratado de 1494. O retôrno foi antecipado por ordem do Vice-Rei do Perú, alarmado à hipótese de se aproveitarem os holandeses da via fluvial, que a intrepidez de PEDRO TEIXEIRA abrisse.

Essa viagem de regresso, naturalmente mais serena e veloz, repete a incursão de subida, orientada pela mesma curiosidade e espírito de observação indagadora, sendo cronista, numa espécie de função de assistente espiritual e mental, o Frei CRISTÓVÃO DE ACUÑA, da Companhia de Jesús, que fôra distinguido em Lima, por uma escolha disputadíssima, para relatar o feito ao Conselho das Índias; o que êle fêz em obra notável, que iria impressionar a gente da península.

Em Madrid, perante aquele Conselho, Frei CRISTÓVÃO d'ACUÑA expõe com colorido e fervor a relevância da opulenta bacia fluvial e a vantagem prática de ser explorada, não omitindo seu juízo sôbre as reservas de riquezas entesouradas no seio daquele solo, capaz de enriquecer "um e muitos reinos", apontando logo a possibilidade de serem exploradas as madeiras, assim como cacau, açúcar e tabaco.

Tôda essa matéria informativa, mesclada de fantasia e arroubos poéticos, serviu de objeto para um livro sensacional, cuja leitura o notável jesuíta ofereceu ao mundo com o título de *Nuevo-descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*, obra reveladora daqueles tesouros, julgada indiscreta e prejudicial ao sigilo dos interesses ibéricos, e cuja edição foi por isso aprendida, para que se não devassassem à ambição européia tais paragens fabulosas, que Portugal e Espanha timbravam em esconder à voracidade das outras nações conquistadoras.

A "expedição Pedro Teixeira" foi a primeira experiência de tráfico, tentado pelo Amazonas acima, e, por seu êxito, aberto ficava praticamente, ao homem civilizado, o vastíssimo vale fertilizado pelo rio já famoso, que entra então realmente no seu período de exploração.

Se Portugal deve a PEDRO TEIXEIRA a primeira intervenção da conquista pròpriamente política da Amazônia, à obra do insuperável sertanista e bandeirante remonta a origem longínqua de todo êsse decantado empreendimento, que há dois séculos visa penosamente violar o solo Amazônico e explotá-lo comercialmente, para o aproveitamento e posse de tôdas as riquezas que avaramente encerra, e que o homem amazônico e o nordestino têm quase inglòriamente lhe tentado arrebatá-lo.

A cobiça do ouro, que uma inspiração supersticiosa criara na imaginação da época, foi certamente o móvel dos impulsos farejadores de tais plagas. Porque não seria pela grandeza portentosa da natureza, tão pouco para contemplar e admirar a magnificência da paisagem, que para alí se encaminhavam os pretendentes ao domínio da região. Sob o acúleo dessas ambições superexcitadas pelo mistério da lenda, o interesseiro sentimento humano palpitou sempre, no malogro de GONZALO PIZARRO, na aventura quase épica de ORELLANA, no drama semi-romanesco de URSÚA, na tragédia sinistra e macabra do sanguinário LOPO D'AGUIRRE, e, finalmente, galvanizando a energia audaz de PEDRO TEIXEIRA.

A reiteirada ação portuguesa, portanto, reveste-se dos característicos de heróico e humano utilitarismo. Não é produto de mero espírito de aventura, mas a objetivação de um senso obstinado e prático. Com tais façanhas, os portugueses se revelam intrépidos conquistadores, que bem souberam preservar a sua conquista. Em continente distante, à mercê das incertezas dos ventos e tendo por guias as estrelas, souberam vencer, e, da potencialidade de filões duvidosos, criar uma exploração, que em menos de dois séculos já se assinalava nos mercados internacionais por cifras e volumes de significação impressionante.

Primeira fase de exploração

O intercâmbio inicial, as primeiras trocas mercantis foram entabuladas entre os concessionários, — que em nome da Holanda e da Inglaterra pretendiam se assenhorear da região amazônica, — e os nativos, certamente com os produtos por estes colhidos, em suas atividades selvagens, de caça, pesca e agricultura rudimentar. Registre-se, entretanto, o fato de já terem os holandeses se ensaiado na cultura da cana nas margens do Xingú. Desde 1616, data em que os portugueses, fundando Belém, adquiriram um pouco de firmeza na disputada terra, logo se aprestaram para a cultura do solo, estabelecendo o plantio de cacau, cana, algodão, arroz, e depois o do café, assentando assim as suas bases de economia agrícola, com aumento gradual e progressivo, apoiada mecânicamente no trabalho dos índios. Já em 1730 os caucaueiros eram em número de um milhão e quinhentos mil.

O registro mais antigo de produção da agricultura incipiente, que se conhece, refere-se ao ano de 1773, com os seguintes dados: 58 784 arrobas de cacau, 935 ditas de arroz, 4 273 de café e 80 de algodão. Sempre impulsionando a lavoura, e com o auxílio braçal dos índios, já haviam montado os portugueses, no ano de 1800, dezoito engenhos produtores de açúcar, aguardente e álcool.

A região mais cultivada, no período colonial do Pará, fôra a do Tocantins, sendo seu comércio influenciado pelas relações com os povos lindeiros, peruanos e bolivianos sobretudo.

A exploração começava a se expandir à medida que a região amazônica ia sendo conhecida e habitada: era uma penetração penosa, lenta e ascendente, na rota de PEDRO TEIXEIRA. O ouro e as “drogas do sertão” acaloravam o ânimo dos exploradores, atraindo-os às paragens cada vez mais distantes.

A ação dos sertanistas e dos missionários, isto é, dos mercenários ou dos religiosos, fazia-se efetivar, respectivamente, no sentido da conquista ou da catequese; a caça ao índio, por isso, era o máximo objetivo, com o fim de escravizá-lo ou de convertê-lo, por uns ou por outros.

Operava-se a escravização dos índios — a escravatura vermelha, pelos sertanistas, quando intervêm os missionários. A voz evangélica

de ANTÔNIO VIEIRA reboa, na sua límpida eloquência, em favor da raça subjugada. Apesar disso, no transcurso do século XVIII repetiam-se os atos de conquista e de caça aos índios, pelo Amazonas acima

Os missionários disputam-se o direito de converter à fé os aborígenes, sendo a ação mais notável atribuída aos jesuítas e carmelitas. Mas, a despeito do sagrado mister, não escaparam à pecha ferina de escravizadores dos selvícolas, com o intento de enricar suas Ordens, explorando o trabalho indígena.

Entrementes a exploração, com as colheitas das lavouras e produtos silvestres, ia-se iniciando e progredindo sempre.

A exemplo do Tocantins, a cultura do cacau vai se estendendo às margens do rio Amazonas, à medida que avança a conquista humana, paralela ao conhecimento e posse das terras.

Rio-acima, a cultura cacauera vai se alastrando. Por alí se desenvolvem plantações vultosas, criando uma apreciável riqueza, que depois decaiu fragorosamente, certo por insuficiência de braços, mas principalmente pelo fascínio com que a hévea arrebatava para os seringueiros todos os elementos produtores.

E ainda hoje, na evocação de uma época próspera e promissora, divisam-se, — si bem que destroçados pelas alagações das maiores enchentes do rio, como documento da atividade agrícola do homem da Amazônia no início do seu aproveitamento, — os cacaueros em plantio intensivo, que ferem a curiosidade do observador, em maciços verdes de tonalidade mais acentuada, pincelando com verde-escuro a paisagem, os copados aglutinados em longa série, entretecendo a sua folhagem, e fazendo a cobertura dos sub-bosques extensos e sombrios.

São os remanescentes da cultura do cacau no Baixo Amazonas, prolongamento daquela outra que ainda, próspera, subsiste no Tocantins, onde fôra instalada primitivamente, alí vingando até nossos dias.

O primado do cacau, que lhe poderia ser assegurado, perdeu-o a Amazônia, deslocando-se o eixo de sua produção para a Baía, em cuja zona meridional veio se expandir na exuberante riqueza que alí floresce.

Apesar da insinuação dos mais experimentados em assuntos agrícolas e econômicos, ainda não foi acolhido o conselho que sugere a restauração dos velhos cacaueros, e plantação de novos acessíveis e próximos, para aproveitamento do precioso fruto, que alí é mais desenvolvido que no Tocantins, com a vantagem de se tratar de uma cultura, do plantio à colheita, exigindo menos de cinco anos.

Os primeiros passos dos sertanistas, em tentativas de penetração, foram naturalmente guiados pelo sonho de encontrar o ouro e pela certeza de recolher as “drogas”, expressão em que se agrupavam vários produtos silvestres — canela, cacau, baunilha, cravo, raízes aromáticas.

A busca de “drogas” impeliu, logo após a expedição de PEDRO TEIXEIRA, a “entrada” do Madeira, em 1722, onde devia haver muito cacau nativo, sendo a exploração dêsse importante afluente oficialmente confiada ao sargento-mor FRANCISCO DE MELO PALHETA, introdutor do café no Brasil, isto é, na Amazônia.

Por ser o de penetração mais antiga, de curso menos extenso, e mais próximo dos centros de consumo e exportação, foi o rio Madeira o mais explorado, o mais civilizado de todos os afluentes do Amazonas, onde ainda hoje se encontram os vestígios de uma era de prosperidade, patente nos aspectos de vida senhorial, lembrados em custosas residências, construídas de alvenaria ou madeira trabalhada, com bom gosto e, até, algumas apalacetadas, atestando conforto, quase luxo, na vida doméstica e social. O rio Madeira que logo depois de 1737 foi franqueado à navegação, por ser caminho fluvial para Mato-Grosso, cujas minas eram cobiçadas pelos espanhóis, preenche função importante na vida e na história econômica da bacia amazônica.

Após a expulsão dos missionários espanhóis em 1710, começa o reconhecimento dos afluentes do Solimões, sendo descobertos o Juruá, Purús, Japurá, Içá, Jutai, e outros, sempre arrastados os exploradores pela atração dos “produtos naturais”.

A conquista foi por sertanistas e missionários, e, até meados do século XVIII, à revelia de convênios e outros feitos de diplomacia.

Transcorrida a primeira metade dêsse século pensa o governo pombalino em assegurar os limites da Amazônia, e, com êsse fim, convida a Espanha para uma conferência no Rio Negro, por ser local de mais fácil acesso aos plenipotenciários espanhóis, que deveriam vir pelo Orenoco e Cassiquiari, sendo escolhida a aldeia de Mariuá para encontro das duas comissões, nomeadas por Portugal e Espanha, para estudos e decisões.

Iniciava-se, pois, para o Rio Negro uma fase de atenção e interesse do Reino, e embora ao fim tivessem falhado todos os esforços dos emissários de Portugal para fixação de tais limites, verdade é que se abria uma via para a civilização a implantar naquele esplêndido vale.

Eleita, para abrigar as duas comissões demarcadoras, a singela aldeia de Mariuá expunha uma precariedade de conforto contrastante com a dignidade das instalações exigidas para os emissários dos dois reinos ibéricos.

Impunha-se, portanto, impulsionar os melhoramentos, senão construir uma sede condigna para a conferência diplomática.

Nomeado chefe da comissão portuguesa o então governador do Pará, FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO, irmão do Marquês de Pombal, para alí expediu logo os engenheiros, construtores dos edificios, que deviam abrigar as duas comissões, e executores dos demais benefícios reclamados para o local.

O abastecimento, farto e bom, começaria a ser feito com mantimentos providos de Lisboa; fôra logo, porém, pressentida a necessidade de víveres de produção agrícola regional. E, para atender tal obrigação, ocorreu aos responsáveis a primeira idéia de cultura do solo; mas logo embaraçada pela falta de braços, de lavradores indígenas, cuja deficiência se agravava por devastadora epidemia, que pouco antes ainda mais reduzira a já diminuta população regional.

Sob a imperiosa urgência de aparelhar Mariuá para funcionamento daquela reunião diplomática, foram expressas ordens régias no sentido de impor aos índios os encargos de "edificação e cultura" para o aparelhamento da sede escolhida.

Surgiram então os protestos dos missionários, alegando que a terra era "estéril", imprópria para o aproveitamento agrícola reclamado.

Os jesuítas, "deixando de ordenar maiores culturas", eram os religiosos que mais resistência ofereciam à consecução dos planos do delegado do rei, no intento de incrementar a lavoura, para produzir com que abastecer Mariuá.

Surpreende-se, talvez, na atitude assumida por êsses missionários em tal incidente, uma das causas da pendência em que tão mal ficaram os jesuítas em face do govêrno de Pombal.

Fracassado o programa de demarcação, em 1750, MENDONÇA FURTADO bem se inteirou dos inconvenientes da situação do Rio Negro, quase nos extremos lindeiros, e se apercebeu da necessidade de descentralização administrativa, para melhor conduzir a questão de limites e o plano de desenvolvimento econômico da região. Por isso, orientando a política do Reino a respeito, era criada em 1755 a Capitania de São José do Rio Negro, com capital em Mariuá, elevada à categoria de vila com a denominação de Barcelos, tendo como seu governador o coronel MELO POVOAS, que desenvolveu sua ação visando o povoamento da região e a civilização dos índios.

Em 1760 era nomeado ouvidor da Capitania o bacharel LOURENÇO PEREIRA DA COSTA, que acumulava aquela função com a de provedor da fazenda e intendente geral do comércio, agricultura, etc., tendo entre outros encargos o de "promover o desenvolvimento da agricultura e da indústria".

Durante cêrca de vinte anos o progresso da Capitania não correspondeu aos ansêios dos que o preconizavam, si bem que sempre fôsse pronunciado, embora em reduzida medida. Mas, com a intervenção administrativa do general PEREIRA CALDAS, passa-se a registrar um surto de empreendimentos mais eficazes. Intensificam-se as culturas de cânhamo, café, arroz e anil; além do cacau, algodão, tabaco, milho, feijão, cana, etc., que há trinta anos já eram cultivados e bastavam para o consumo interno, havendo até alguma exportação, para Belém, de anil, café, cacau e tabaco.

Um recenseamento oficial da produção da Capitania, em 1775, registra, entre outros, estes dados. mais de 12 000 arrobas de cacau, 470 de café, 295 de salsa; contando-se então 221 000 pés de café, 90 000 de cacau, 47 700 de tabaco e 870 de algodão.

Já por êsse tempo, o naturalista ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA arrolava os obstáculos que embaraçavam a cultura da terra, dentre os quais convém lembrar os seguintes: falta de braços diligentes e produtivos, indolência e hostilidade dos índios, preferência pela colheita dos produtos naturais, arrogância dos Portuguezes, ignorância dos melhores métodos a adotar nas culturas, etc.

Êsses elementos negativos, entorpecedores do movimento propulsor da cultura da terra, não eram peculiares àquela região, mas generalizados e difficilmente modificáveis; tanto mais apreciáveis quanto menos orientada e sistematizada a ação administrativa, como aconteceria por alí afora, onde não houvesse uma administração do govêrno como no Rio Negro.

A decadência acentuava-se na Capitania no Rio Negro, com certo retôrno à vida primitiva, que se patenteava até nos hábitos alimentares, com a preferência de pesca, caça e produtos naturais.

A despeito dos salutaes esforços de PEREIRA CALDAS, a Capitania não progredira. Foi então nomeado governador o coronel LOBO d'ALMADA, para cuja personalidade convergiam muitas esperanças, por ser portador de valiosos títulos de probidade e ação, e que anunciou o seu govêrno com o lema de "reerguer o sertão".

LOBO d'ALMADA era um crente no futuro da região apoiado na agricultura. Com o propósito de aproveitar a terra "ubertosa", tratou de incrementar a cultura do anil, chegando a exportar, só num ano, em 1793, 1 400 arrobas para Portugal. O café, arroz, algodão, cacau, salsa chegaram para o consumo da Capitania, segundo informa ARAÚJO E AMAZONAS, citado por ARTUR C. FERREIRA REIS, o historiador cujos subsídios são sempre valiosos.

Animosidade e intriga começaram a embaraçar LOBO d'ALMADA em sua profícua ação administrativa; mas a própria pressão sôbre êle exercida por meio da supressão de provimentos e subsídios, estimulou-o ainda mais a ponto de, com maior incremento da agricultura, conseguir o aumento de rendas para a sua Capitania.

Vencedores finalmente os seus poderosos adversários, LOBO d'ALMADA foi afastado do govêrno do Rio Negro, que entrou logo depois em decadência.

Mas já em 1819 havia certos sinais de produção agrícola, de que nos falam os seguintes dados estatísticos: 5 045 arrobas de tabaco a 8\$000, 40:360\$000; 3 512 ditas de salsaparilha a 9\$000, 31.608\$000; 5 936 ditas de café a 3\$200, 18:995\$200; 1 948 ditas de cravo fino a 6\$400, 12.467\$200; 1 800 ditas de cacau a 1\$600, 2:880\$000, 10 425

ditas de peixe a 1\$280, (13·467\$200) 13:344\$000, 8 034 potes de manteiga de tartaruga a 3\$200, 25.737\$600; II ditos de mixira a 2\$000, 22\$000; 17 ditos de copaíba a 3\$000, 51\$000; 753 polegadas de piassaba a 3\$000, 2:199\$000; 10 arrobas de anil a 32\$000, 320\$000, 350 ditas de quina a 64\$000, 22·400\$000, 18 ditas de breu a \$800, 64\$800; 128 ditas de estopa da terra a \$500, 64\$000; 5 ditas de carajurú a 32\$200, 192\$000, 166 alqueires de castanha a \$200, 32\$000; 190 arrobas de algodão em caroço a \$800, 152\$000; 220 rêdes de palha por outro nome, maqueiras a \$320, 70\$400; soma· 170:959\$200.

Aquela promissora região, entretanto, que seduzira as vistas do govêrno do Marquês de Pombal, continuara a ser entrevista, mesmo de longe, com certo interêsse, a ponto de, em 1825, ter o Imperador, tomando em consideração a decadência a que se achava reduzida a Capitania do Rio Negro, incitado o presidente da Província do Pará a estudar as causas dos males e procurar removê-los.

Mas, para sustar o declínio, não viera remédio algum que o detivesse. Por êsse tempo, fremiam os anseios pela independência do Amazonas, ainda parte integrante da Província do Pará; por outro lado, desdobravam-se os lances guerreiros da cabanagem

Terminada esta luta, em que o fermento nacionalista explodira em ações deshumanas e tétlicas, o Alto Amazonas jazia em penúria. A atividade agrícola fôra anulada. Por quase todo o Rio Negro era “completa a desolação”.

Ao movimento parlamentar em prol da criação da Província do Amazonas, respondeu o govêrno imperial com o ato de 5 de Setembro de 1850, que atendia às aspirações amazonenses, nomeando presidente o ex-deputado TENREIRO ARANHA, e sendo instalada a nova província em 1852.

Ao presidente da Província do Amazonas se antolhava uma complexa e laboriosa tarefa; e TENREIRO ARANHA, analisado hoje, através da grande distância que o tempo delimita, apresenta-se-nos com o estofo de hábil administrador, com alta visão e capacidade empreendedora.

Além de múltiplas providências adotadas para organizar o aparelho burocrático, de seu relatório sobressaem iniciativas reveladoras de um espírito organizador e criador, patenteadas sobretudo no seu plano de desenvolver as existentes e criar novas fontes de produção. Êste trecho diz bem alto dos intuitos de seu programa “A bem da agricultura, tenho feito conceber aos habitantes civilizados e aos indígenas a idéia de que se devem aplicar à cultura, não sòmente dos produtos, que antes já cultivavam com tantos proveitos; mas até à do cacau, cravo, goma elástica, guaraná, puxurí, salsaparrilha, e outras especiarias de muito valor, que, sendo por enquanto silvestres, e com

muitos riscos e árduos trabalhos extraídos das matas, podem vir a ser-lhes de maior proveito, se forem cultivados" (*Relatório*, apud ARTUR C. F. REIS).

TENREIRO ARANHA ordenou que, por conta da própria fazenda provincial, fôsem feitas plantações dos gêneros de primeira necessidade, e, revelando o alcance de sua visão, pensou em restaurar a cultura do café.

Saliente-se o fato da produção do café, de que havia muita lavoura no Rio Negro, sendo exportado pelo Amazonas até 1830; além disso, muito cultivado no Pará. Lembrando-se que, importado da Guiana Francesa, pelo Pará entrou a rubiácea no Brasil, considere-se que à Amazonia se ofereceu essa oportunidade de assegurar-se o primado do café, se o pobreza em recursos, de trabalho e capital, não lhe entravasse o passo das iniciativas bem ensaiadas e já em próspero andamento

O histórico do tentamen oficial de aproveitamento agrícola do Rio Negro, a zona que mereceu a preferência e o interêsse do Reino e do Primeiro Império, sob a forma de ordens e providências oficiais, mostra-nos, nesse relancear de vista pela história da exploração da região, que aí mesmo onde incidiu a ação governamental sob a forma do que hoje se chamaria direcionismo econômico, nada ficou como remanescente de uma riqueza agrícola estabilizada, tudo se desorganizando, decaindo, desaparecendo, para subsistir apenas a atividade extrativa.

Seria, em hipótese absurda, uma fatalidade local? Uma consequência da ancestral indolência indígena, com seu irresistível pendor para colheita dos produtos naturais?

Não, tais influências eram apenas subsidiárias, os elementos decisivos da decadência agrícola do Rio Negro, onde a ação do govêrno se fêz sentir de modo apreciável para incentivar e amparar a cultura da terra, foram seguramente estes. a sedução exercida pela indústria extrativa da borracha, que facultava lucro fácil e imediato, e a falta de capital e braços para os empreendimentos de lavoura, cujos resultados só se podem auferir com um fator precípua — o tempo.

Fracassado todo o plano do Reino para o aproveitamento agrícola do Rio Negro, reverteu aquele importante vale à condição comum a tôda região de objetivo quase exclusivo de indústrias extrativas, imposta à maior extensão da bacia amazônica, pela inópia de braços, de técnica e de capital suficiente.

E si alí, para onde se voltaram, interessadíssimos, os cuidados do Reino e do Primeiro Império, nenhuns resultados definitivos e proficuos se pronunciaram, no sentido de ficar instalada uma riqueza agrícola durável, nada é para admirar que, pelas extensões infindas da região amazônica, não fôsse possível implantar outra atividade que a extrativa, sem base estável e sem fixação do produtor ao solo.

Devassado ao amanhecer do século XVIII, o rio Branco oferecia os seus famosos campos naturais, aos ensaios de criação de gado já

sugeridos por PEREIRA CALDAS, que pensara em aproveitar reprodutores de gado vacum e equino, provenientes da vizinhança de Óbidos, para serem os iniciadores dos rebanhos a criar na região indicada.

LOBO D'ALMADA, tornando uma realidade a idéia progressista do seu antecessor, mandou explorar, em 1787 o vale do rio Branco e ali montou as fazendas "São Bento" "São José" e "São Marcos", núcleos do gado daquela falada zona pastoril do Amazonas. Esse governador da Capitania entevia, com o seu empreendimento, abastecer os açougues, provendo a população de carne fresca, e não só pensava na indústria de xarqueada, que se podia desenvolver, como ainda no aproveitamento dos couros, para indústria de calçado e para exportação.

No transcurso de um século aquela região pastoril poder-se-ia ter transformado num vasto empório de criação de gados. Si bem que as fazendas fundadas por LOBO D'ALMADA tivessem progredido, tendo sido calculada a população bovina em duzentas mil reses, (apesar das objeções pessimistas quanto a essa estimativa), a realidade está no fato de hoje se comprovar a decadência das raças, por falta de seleção zootécnica e por degradação das pastagens.

Por isso os competentes reputam degenerados os rebanhos rio-branquinos, além de bastante rarefeitos.

As chamadas "fazendas nacionais" do Rio Branco são patrimônio da União, mas estão em franca decadência, que se acentuará dia a dia pelo abandono em que jazem, sem influxo dos processos mais avançados da técnica da criação bovina e equina.

As margens do rio, dentro do território Amazonense, iam sendo criadas fazendas de gado, que sempre prosperaram. No ângulo de confluência do Madeira com o Amazonas, naquele labirinto hidrográfico dos Autazes, desenvolveu-se uma zona pastoril bem razoável e promissora, com os mais densos núcleos de rebanhos bovinos. Bem perto de Manaus, os paranás do Careiro, Cambixe, Curarí, Xiborena e outros, em fazendolas numerosas, desenvolvem-se pequenos rebanhos de gado sadio e prolífico. Nos municípios de Parintins, Itacoatiara, etc., já se contam regulares fazendas, com produção de gado em número bem apreciável, que se aproveita de alguns trechos de campos naturais, entre outras as denominadas *cacaías*; mas quase todos os gados se desenvolvem em campos artificiais trabalhados pela mão do homem.

Deve-se registrar que todo esse gado não se beneficia dos processos de seleção zootécnica, sem nenhuma assistência racional e científica para o melhoramento almejado pelos mais progressistas em prol da economia pastoril.

A criação de gados, no território paraense, avulta como uma produção de grande porte, assecuratória de uma riqueza sólida e já hereditária. A famosa ilha de Marajó, com os seus opulentos campos naturais, abriga enorme população de gado e enriquece o estado com va-

liosa produção. Além dessa zona, na foz do Amazonas enumeram-se outras, no curso do rio, em Alenquer, Faro, Monte Alegre, Óbidos, etc, onde prosperam grandes rebanhos de gado vacum, e mesmo cavalariço, que amparam a economia regional, abastecendo Belém com carnes verdes e ainda fornecendo uma boa cota do abastecimento de Manaus.

Em todo o cenário econômico da Amazonia, salienta-se uma única cultura, iniciada pelos nativos e por seus descendentes preservada — o guaraná, que vem sendo conservado, sem decair nem temer concorrência.

Quase privilégio de Maués, onde fôra uma tradição dos índios da região — os Mundurucús, mantêm-se alí a cultura do guaraná, cujo prestígio como alimento e medicamento cada dia cresce. E, ao passo que decaía a lavoura do café e a do cacau se destroçava, perdidas essas duas promissoras fontes de riqueza agrícola, a cultura do guaraná preservava-se, quase exclusiva, até hoje, com algum progresso sempre, explorada pelos caboclos de Maués, os mais puros representantes da população indígena amazônica, etnicamente considerados.

E' o primado do guaraná, como cultura privativa, que a Amazonia guarda, se não fôr arrebatada por gente mais previdente que a nossa. Para defender a sua posse, diz-se que os caboclos de Maués, antes de exportarem o guaraná em grão, ferviam as sementes, para assim esterilizá-las, impedindo o seu aproveitamento alhures. Daí, a lenda de ser o guaraná insusceptível de cultivado fora das terras de Maués...

A cultura do guaraná deverá ser intensificada, quando a propaganda de suas virtudes terapêuticas e alimentícias estiver bem firmada e aceita.

Nessa época, convirá ocorrer a indispensável repressão à fraude, por cuja influência nociva atribue-se, ao guaraná, a base de bebidas que nada encerram do valioso produto; porque "guaraná" passou a ser uma expressão genérica, pouco importando que a bebida com êsse nome contenha, ou não, os princípios da preciosa semente.

A região paraense foi favorecida sempre pela sua acessibilidade, franqueada aos transportes fluviais, por meio dos quais a sua produção é levada a Belém, pôrto de mar de relevância máxima, por onde se escôa tôda a produção da Amazônia.

Borracha e castanha, dentre os produtos extrativos e cacau como produto de cultura, foram sempre explotados e exportados pelo Pará.

A sua situação geográfica, as correntes das marés e dos ventos, — outras tantas condições favoráveis a seu desenvolvimento e aproveitamento.

Nem lhe faltaram correntes imigratórias européias, que governos previdentes para alí canalizaram, por meio de serviços estaduais bem organizados, com fluxos de espanhóis e italianos, que, ao longo da Es-

trada de Ferro de Bragança, implantaram o regime de culturas da terra, até hoje prevalecendo e assegurando elementos de vida própria à região paraense. Durante quase todo século XIX, a Amazônia, sem grandes surtos, avançou sempre na sua produção, pela exploração de produtos naturais. Ao iniciar-se o século atual, a borracha, cujo estudo farei em seguida, dominou tôda a produção; e assim veio até hoje. Mas bem apreciável é a variedade de produções que a natureza vai dando ao homem, além da borracha; castanha, balata, guaraná, madeiras, peles e couros, essência de pau-rosa, cacau, copaíba, piaçaba, cumarú, puxurí, juta, jarinas, pirarucú, salsa, etc. Além desses produtos, a extração de minérios, dentre os quais diamantes e ouro, vai atraindo a ambição de recolhê-los da natureza dadivosa.

A grande exploração da Amazônia

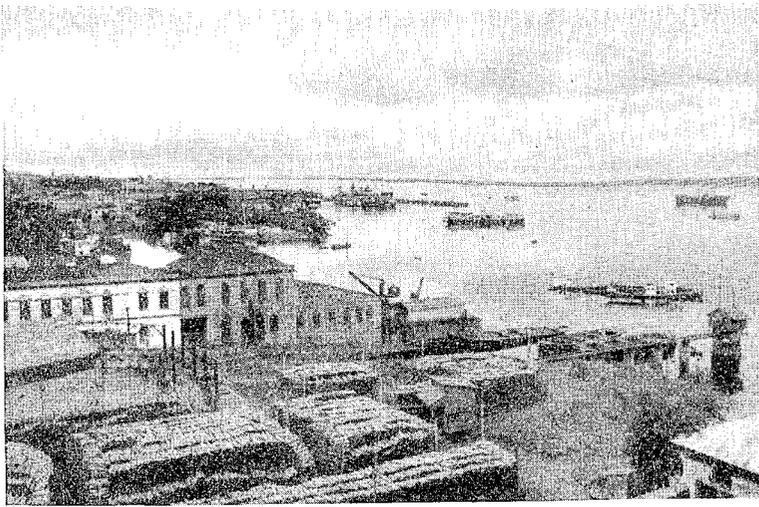
A exploração amazônica, que assinala o sacrifício do homem e da terra, historia-se pela grande exploração da borracha nos grandes afluentes do Amazonas. Processou-se por episódios quase épicos, com perduráveis lesões da produção: lesão do trabalho e lesão da propriedade: o trabalho comprometido em seu rendimento, a propriedade depredada em suas fontes de vida e riqueza. Em suma. trabalho desfalcado e esgotamento dos mananciais.

Foi, naquele cenário caótico, um arrojadíssimo feito de “econômica destrutiva”, que, com o objetivo de explotá-lo, quase arruinou tão decantado recanto do globo.

Vícios do comércio

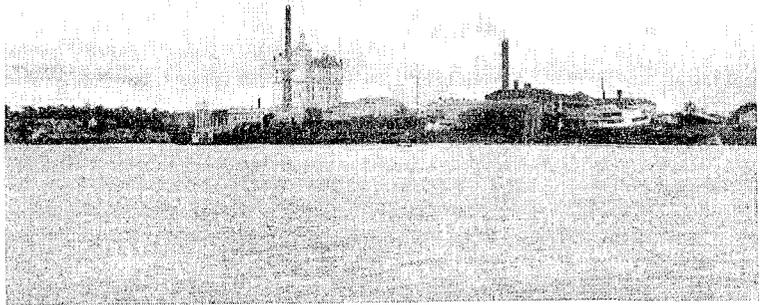
Mecanismo comercial da indústria extrativa da borracha — Era um sistema original de comércio: presidia-o uma autonomia curiosa e absurda, um individualismo aberrante, que precisam ser bem definidos. Naquele mal articulado sistema de exploração de seringais, dissociam-se os componentes: O proprietário (*patrão* na gíria local, *seringalista* na terminologia surgida nos últimos tempos) é exclusivamente negociante; não explora diretamente o seu seringal, que entrega à sãna destruidora do extrator, fazendo-se apenas o intermediário dos negócios dêste, com a responsabilidade do próprio crédito junto aos centros comerciais de Belém e Manaus, donde se irradia o elemento propulsor, monetário, que movimenta tôda a atividade comercial-industrial da borracha. O *seringueiro* (*freguês* na gíria regional) é o extrator, o produtor propriamente dito; mas como não tem nenhuma dependência técnica nem disciplinar, sendo apenas um aviado do proprietário, com inteira autonomia comercial, exercendo a indústria extrativa por conta própria, é em realidade um industrial. Das relações recíprocas, consta a “conta-corrente”, que registra a compra de gêneros e a venda do produto, pelo seringueiro realizadas com o seringalista.

O seringueiro, ou freguês, não é, pois, um assalariado, tampouco meeiro ou tarefeiro, muito menos um associado; é, realmente, um *cor-*



*Trecho do pôto
de Manaus, visto
da tórre da fábrica
de cerveja*

*Fábrica de cerveja
na cidade de Ma-
naus, de regula-
rio de penetração
nalguns Estados
do norte*



*Lancha puxando
pequenas embar-
cações denomina-
das "montarias"
Esse conjunto tra-
fega, diariamente,
entre Manaus e o
paraná do Careiro,
onde se abastece
em parte a cidade
de Manaus*

*Fotos coleção
"Panahi do Brasil"*



Aspecto do antigo Forte de Gurupá, de gloriosas tradições, parcialmente restaurado, em 1930, pelo major POLIDORO BARBOSA

Fototeca do C N G



Confluência do rio Negro com o Amazonas, vendo-se, à direita, a ilha de Marapatá. As águas do rio Negro só se misturam com as do Solimões depois de correrem certo percurso lado a lado

Foto coleção "Panait do Brasil"

rentista, um operário que trabalha por conta própria no seringal do *patrão* e com o crédito, por este abonado, em gêneros alimentícios, objetos de vestuário, material para extração do leite de seringueira, munição para caça, tôdas as utilidades, enfim, indispensáveis à vida de solteiro ou casado. E, em plena liberdade de trabalho, de negócios e de erros, desenvolve-se na área do seringal que lhe faculta o proprietário, de quem apenas depende pelo compromisso da dívida, assumida quando recebe o aviamento, ficando obrigado pelo débito contraído, que muitas vêzes anula pela fuga para outro seringal, visto como nenhuma garantia pode oferecer no ato de entabolar os negócios com o *patrão*.

E' uma peça, um órgão, ou melhor, uma entidade no aparelhamento comercial. Entregue a si mesmo, sem outra subordinação ao seringalista além da imposta pela condição de devedor, o seringueiro ignorante e incauto vai ao leme de sua vontade, imitando os erros dominantes, sem orientação nem direção superior, jungido à contingência dos imperativos do meio e copiando os costumes dos que já encontra errados.

O seringalista é o centro do sistema local de negócios, mas simplesmente um satélite em relação às metrópoles de Belém e Manaus, de cujas firmas comerciais é um aviado, que está para o aviador, como, para êle, seringalista, está o seringueiro. Mas com esta apreciável diferença: o seringalista é um proprietário, cujo seringal responde por sua dívida perante aquelas praças, ao passo que o seringueiro é um negociante sem nenhum capital, sem a mínima parcela de propriedade, que nada tem para perder ou para garantir os seus compromissos pelo que recebe, a crédito, para explorar a borracha. E', em rigor, um aventureiro bem intencionado, senão um pária, apenas armado de grande coragem, para enfrentar a rudeza dos trabalhos e os riscos daquela empresa arrojada.

A' primeira impressão, parece que o seringalista compra, ao seringueiro-extrator, o produto colhido no seringal daquele. Mas não é bem isso, sim o seguinte: o patrão, em dada área de suas terras, localiza o seringueiro, que extrai o leite das héveas, coagula-o pela "defumação", marca com o seu sinal as chamadas *peles* de borracha — formações em que se solidifica o látex, — e envia-as por intermédio do patrão para serem vendidas a pêso em Manaus e Belém, quando não as desvia para, com tal espécie, fazer, em troca, compras ao *regatão*.

Em verdade, o produto pertence ao extrator que, com êle, expedido pelo *patrão*, paga a este a sua dívida, ou apenas amortiza-a, por isso, sobre o seringueiro incidem todos os ônus (impostos, fretes, seguros, comissões), além dos danos expoliativos, oriundos da quebra eventual em pêso, ou da infidelidade da classificação e pesagem, na operação de beneficiamento para a cotação e venda.

No que há de característico na qualificação de tal regime econômico, concorre ainda, na figura do extrator, a lhe acentuar os atri-

butos de proprietário do seringal, o dever que lhe cumpre de desbravá-lo. Mas, porque em realidade não é proprietário, não se fixa ao solo, desloca-se muitas vezes, licitamente ou por evasão, de uma propriedade para outra, mais ou menos errante, tangido pela impulsão de nomadismo inevitável, que não é fatalidade do meio cósmico, mas pura contingência da mesologia social, informe, desarticulada e anárquica.

Em última dedução, surpreende-se esta anomalia: o seringalista não é dono do produto obtido, no seu seringal, por um extrator que não é seu sócio nem empregado; nem o seringueiro-extrator é proprietário da terra que amanhã, domando-a e conquistando-a bravamente.

Sistema de comércio com exclusivo apóio no "crédito" — Esta é a única base de tóda a construção comercial-industrial da Amazônia, porque para lá não houve afluxo de capital de qualquer procedência. Si não houve importação de recursos monetários para incrementar a exploração da borracha, certo é que não dispunha, o comércio local, de capitais internos, indígenas, para tal empreendimento. Qual o montante, entre capitais ingleses e holandeses, angariado para explorar a hévea no Oriente? Não será fácil citar-lhe a cifra: mas se sabe que foram constituídas mais de quinhentas companhias para o plantio de seringueiras na Ásia. Na Amazônia, um só recurso — o crédito, mas um crédito pessoal, de expedientes, sem aparelho econômico adrede preparado para o fornecer, com socorro bancário exíguo, mas somente para o comércio, e não para a indústria da borracha.

Foi uma aventura meramente comercial, a que se expuseram, quase temerariamente, beneméritos e intrépidos negociantes do Pará, sem base econômico-financeira para empresa de tal envergadura: crédito e audácia, retemperada por uma grande fé na sorte da região, foram os incentivos do golpe com que o Barão de SANTO ELIAS e outros comerciantes da praça de Belém ousaram tentar a grande exploração da borracha nos altos-rios, porque no Baixo-Amazonas a extração gomífera há muito já vinha sendo o nervo da economia regional.

Foi um feito de emergência, com uma colonização improvisada à custa dos retirantes da grande seca de 1877, como efeito de uma causa calamitosa, aproveitando contingente humano fisiologicamente abastardado, inferior intelectualmente.

Sobre uma aleatória base de crédito, fôra portanto montada tóda a máquina comercial da Amazônia, ao transpor o limiar de seus grandes empreendimentos. Mas tal sistema de negociar, embora inspirado nos são ditames dos seus fundadores, vir-se-ia desvirtuar, na subsequente prática dos negócios que avultavam. Porque o "crédito", mola essencial das iniciativas e operações sempre acrescidas, foi se tornando dia a dia mais hábil, fácilimo, resultando, com o excesso de confiança gerada pela ambição de maiores negócios, um ariscado regime de "abuso de crédito".

O vulto cada vez mais excitante dos lucros açulava aos excessos, aos despropósitos, até ao desvario. Os aviamentos de mercadorias para os

seringais eram pródigos, exorbitantes, absurdos em quantidade e em qualidade. Aviando as “notas de pedidos” dos seringalistas, já excessivas em suas proporções e especificações, com a encomenda de artigos impróprios, supérfluos e mesmo de luxo, como tecidos de sêda e quejandas superfluidades, os *aviadores* forneciam tudo quanto lhes era pedido, artigos úteis ou dispensáveis, aumentando-lhes as medidas

Deformava-se a índole dos negócios e instituía-se; inconscientemente, o “crédito” extorsivo, não por intento doloso, mas com o fim de ampliar o volume dos negócios, facilitando-se ainda mais os aviamentos, porque o fornecedor nutria o empenho de vender o máximo, como se negociasse a dinheiro; dest’arte alargava-se arbitrariamente o crédito do seringalista, enquanto êste, correlatamente, ampliava a capacidade aquisitiva do seringueiro. Ao mesmo passo circunscrevia-se a esfera de produção dêste, limitando-a exclusivamente à borracha e sendo-lhe interdada a cultura dos produtos agrícolas para a alimentação, cuja lavoura, com o benefício de lhe baratear a vida, reduziria os inconvenientes das conservas, nocivas e deficientes, como elemento de nutrição.

Como a liberalidade dos *aviadores* começasse a se denunciar na cifra crescente dos débitos dos seringalistas, passaram aqueles a hipertrofiar os preços das faturas, na intenção de um esforço compensatório para equilíbrio das contas, forçando-o com majorações exorbitantes e pensando assim cobrir, com tais juros imaginários, o *deficit* do comércio do interior. Os débitos se acumulavam de ano para ano. Era o que se passava naqueles tempos paradoxais, em que o crédito se dilatava à medida que a dívida crescia.

Acumulados os débitos, nem por isso reclamavam os *aviadores*, porque o fato era trivialíssimo; aquelas cifras agigantadas condiziam com o cadastro de crédito de cada seringalista devedor. Naqueles tempos de ilimitada confiança, computava-se o grau de prosperidade do proprietário de seringal por sua capacidade de dever. Ainda mais. avaliava-se a “fortuna” de cada um, pelo algarismo de sua dívida nas praças comerciais das duas capitais da Amazônia. Expressia-se a “riqueza” pelo “débito”. Assim apontavam certo proprietário: “Êsse homem é muito rico: deve dois mil contos”. Queriam dizer: dispõe de tanto crédito que pode dever dois mil contos. O crédito, em realidade, era um bem, uma riqueza.

Agravou-se, porém, dia a dia, o regime deficitário, que se procurava corrigir errôneamente com o aumento da despesa. O que os *aviadores* consideravam “a haver” não passava de cifras inscritas nos seus livros e nas suas contas. Mas como tôdas as obrigações pesassem sôbre o produtor, pairava na mentalidade do alto comércio amazônico a suposição de que os sacrificados fôssem de fato os seringueiros, na aparência escorchados e condenados à insolvabilidade, sob o acúmulo dos *deficits* que se superajuntavam. E não havia lucidez para perceberem que o mal era dos fundamentos do comércio, que era a peça básica — o seringueiro, que estava mal apoiada, instável porque corroída pelos débitos. Era a perspectiva da fratura dos alicerces, cuja consequência insustável

seria o desmoronamento do edificio comercial, da base aos mais aparatosos ornatos arquitetônicos. O engano era funesto, porque o seringueiro era o produtor, assentava como suporte industrial nos negócios e, se arruinando, fazia aluir todo o sistema que lhe era superestrutura. E não compreendia, a gente de então, que o seringueiro era quem menos perdia, porque nada tinha que perder.

Quando se declarou a decadência da borracha, iniciada por uma fase alarmante de sua desvalorização, então proclamada "crise", (e que nada mais seria que a situação definitiva originada da superprodução asiática), as condições comerciais amazônicas eram de real combalimento. O saldo devedor dos seringais, continuando a crescer sempre, aditava-se aos anteriores, mas já de modo assustador, porque o volume monetário dos negócios, traduzido no montante das vendas da goma elástica desvalorizada, era bastante menor. O comerciante aviador começava a experimentar a pressão dos vencimentos de títulos; e a situação se lhe tornava opressiva, porque tomava obrigação a prazo fixo, ao passo que os compromissos do seringalista eram *sine die*. Este recebia, daquele, as mercadorias de que necessitava o seu negócio no interior, e, para respectivo pagamento, remetia-lhe a borracha que os seus fregueses trouxessem ao barracão, em época indeterminada e na tonelagem que a produção pudesse dar.

O aviador enfrentava os prejuízos da desvalorização das gomas, além de sofrer a ameaça do vencimento dos títulos; o seringalista apenas lutava contra a exigüidade do preço do produto de extração dos seus seringais.

Enquanto mais constrangedoras se tornavam as aperturas nas praças de Belém e Manaus, continuavam a imperar na máquina do interior os mesmos defeitos corroedores. O orçamento do seringueiro tanto mais agravado quanto maior o número dos intermediários, porque na articulação destes elementos parasitários ocorria às vezes maior complicação, consistindo no seguinte. o seringalista aviava um *freguês*, que, por mais ágil e mais experimentado, se fazia *patrão*, aviando outros *fregueses*. E, em casos menos freqüentes, alguns desses *fregueses* ainda se arvoravam em *patrões*. Tal desdobramento da seqüência de intermediários não merece registro pelo fato em si, mas por sua significação no gravame acarretado ao orçamento do produtor, porque a cada um desses elos da cadeia de negócios correspondia uma "comissão", sobre o custo das mercadorias adquiridas a crédito; o que elevava os respectivos preços a cifras excessivas. Alguns artigos custavam quatro a cinco vezes mais que em Manaus e Belém. Para documentar a asserção, preservando-a de uma contestação infundada, posso dar o meu testemunho por ter visto, no alto Purús, em 1903, vender-se um vidro de "pilulas de Bristol" por nove mil reis, quando a dúzia, em Manaus, era cotada por dez ou doze mil reis.

Dêsse modo encarecia-se a vida em vez de barateá-la; elementos deprimentes se multiplicavam, através da escala descendente da hierarquia

comercial. Para um orçamento cuja receita se restringia ao labor de extração da goma, sem o amparo de uma rudimentar lavoura para o consumo, o seringueiro arcava com uma despesa onerada pelo encarecimento dos gêneros, repelindo-se, como nos impõe a boa-fé, a acusação, que alguns insinuavam, de serem as faturas viciadas nos preços de aquisição das mercadorias.

E nessa situação ameaçadora, em perspectiva de falência universal naquele mundo da borracha, o crédito quase não se atrofiava: o *aviador* permaneceu na atitude temerária do jogador descontrolado, que teima em apostar na roleta para reivindicar o que perdera; e, por isso, arremessava, para o interior, as mercadorias que, de lá, lhe pediam, *ao azar*, à aventura, no turbilhão dos negócios já duvidosos, em busca da sorte, que esperavam com a alta dos preços da borracha, mas que não chegou, por causa da superprodução, com a conseqüente desvalorização.

E quando o elastério do crédito atingiu o seu limite, ao fragor da *debacle* tudo ruiu, a voragem tudo levou, da grandeza econômica da Amazônia, tôda ela literalmente tributária da borracha.

Ao balancearmos, numa análise retrospectiva, os destroçados remanescentes daquela campanha incruenta de penetração intrépida, de bandeirismo audaz, de audácia comercial, de pugnas e revezes, de lampejos de esperança e de fugazes momentos de vida nababesca, mal vivida e inglôriamente aproveitada, perguntamos, hoje, que restou para os impulsores e para os mourejadores, dirigentes ou operários daquela exploração, que, pelejando para a civilização do princípio dêste século, durante vinte anos foi arrancar, da impenetrada selva amazônica, o material elástico, de que carecia o progresso para a sua criação mais simbólica — o automobilismo? Nada! Nada mais que uma página de história cruciante, em que se afirma a energia da raça, mestiça mais viril, enferma mas não desfibrada, cuja capacidade de resistência e destemor ficou inscrita na epopéia que ela viveu, e como contradita aos veiculadores dos preconceitos racistas. Nada mais! De tudo, restam a devastação dos seringais mais acessíveis e a desilusão dos que arrostaram a dureza e hostilidade da selva bravia e inhospita.

Lesão do trabalho

Falta de organização do trabalho — No regimen individualista reinante, não podia caber o princípio coletivista de divisão de trabalho. Ele não comportava especialização. A independência comercial dos seringueiros dava-lhes govêrno próprio, sendo, cada um, uma entidade na esfera dos negócios de borracha. Não havia, portanto, organização com cooperativismo; nem subordinação a nenhum corpo dirigente; era a ausência absoluta de direcionismo orientador do trabalho e disciplinador dos respectivos agentes. Atividade exclusiva, para cada um, a da extração do leite de seringueira. Todos na colheita do látex; e só nisso se aplicavam, a não ser quando se lhes oferecia por acaso, ao alvo certo, uma caça no

percurso da estrada de seringueiras. A vida econômica individual ritmava-se por estes dois tempos: vender a borracha extraída e comprar tudo quanto necessário à vida, da alimentação ao vestuário. Todos na indústria extrativa! Faltou uma organização, que associasse os homens com laços de solidariedade e entre-ajuda, e em que o trabalho fôsse dividido com a especialização de extratores, caçadores, pescadores (mariscadores), lavradores, farinheiros, etc.

Restrição da capacidade produtiva — Fatores extrínsecos e intrínsecos reduzem a capacidade extrativa do seringueiro, independentemente de sua vontade e deliberação.

O primeiro desses fatores externos, que tolhem a ação do extrator, é um fenômeno periódico, a que está sujeita a região, por contingência fatal das enchentes do rio. As alagações anuais, de Novembro a Maio, transformam a floresta em *igapó*, forçando o seringueiro, no Alto-Amazonas, a só produzir durante uma parte do ano. Na mais favorável hipótese, trabalha apenas seis ou mesmo só quatro meses, si bem que, em raríssimas posições, seja êsse período de inação reduzido a dois ou três meses. Êsse o fato que ocorre mais seguramente nos altos-rios. Nas “Ilhas”, do Pará, onde aliás a borracha é mais fraca e aquosa, o seringueiro trabalha todo o ano, porque o regimen das águas é influenciado pelas marés, e o seringueiro consegue exercer o seu mister, cortando a seringueira mesmo embarcado em sua canoa (*montaria*)

Forçado àquele período de inércia obrigatória, com a redução do trabalho extrativo à metade ou mesmo a um têtço, o seringueiro do alto Amazonas tem o rendimento do seu trabalho desfalcado por uma ociosidade forçada; por isso deixa o *centro*, recolhe-se ao *barracão* central do *patrão*, à margem do rio, e alí, trepado no girau das toscas barracas de palafitos, queda-se sem nada produzir, apenas gravando o débito de sua conta-corrente.

Indagamos si há regimen de vida e de trabalho, em que se registre tal lacuna, tão lesiva solução de continuidade no labor quotidiano do trabalhador?

No período ativo de extração, é o seringueiro influenciado, mecânicamente e fisiologicamente, por *causas extrínsecas e intrínsecas*, que agem sôbre o próprio indivíduo, apoucando o seu organismo e limitando a sua capacidade de trabalho.

Distância — Firânicamente deprime a vida econômica do seringueiro, que, para se localizar no teatro de suas operações de corte das héveas, precisa penetrar o centro do seringal, às vêzes a dois, três ou mais dias de viagem. O luar é seu transporte, em que conduz os mantimentos e, terminada a safra, a borracha produzida para o barracão. Mas efeito mais depressivo da “distância” é o que se faz sentir diuturnamente, no percurso através do qual faz o corte das árvores e recolhe o leite.

Conseqüência da formação primitiva dos seringais silvestres, que são todos quantos ali existem para aproveitamento razoável, estão as héveas disseminadas sem método, nem cálculo. *Estrada de seringueiras*, duas vezes por dia palmilhada pelo seringueiro (pela manhã para lhes fixar as *tigelinhas* e à tarde para retirá-las com o leite que nelas foi recolhido), não é, como nos seringais plantados, uma alameda traçada geomêtricamente, balizada pelas héveas, cujo leite fôsse aplanado por cômoda pavimentação, para permitir ao transeunte um suave percurso. *Estrada*, ali é uma hipótese, uma linha imaginária, sempre arbitrária que, através das sinuosidades e acidentes da selva, dista de uma à outra seringueira, às vezes muito distanciadas. Porque se trata de caso típico de cultura espontânea, extensiva e desagregada, dispersiva e redutora do esforço humano, ao contrário da cultura intensiva e sistematizada, em que fica reduzida ao mínimo a distância intermediária a duas árvores plantadas, para menor esforço do extrator e maior rendimento do seu trabalho.

Aquela cultura disseminada dos seringais primitivos, que gera a tendência à dispersão dos homens, forçados a pervagarem no emaranhado das *estradas*, isolando-os dos demais membros da coletividade, já inspirara EUCLIDES DA CUNHA a interpretar o "diagrama dos seringais", como o impositivo de uma fatalidade dispersiva, a que tivesse de obedecer irrecorrivelmente o seringueiro

De tal peculiaridade decorre um rendimento mínimo de produção para o extrator, que, por ser obrigado a vencer grandes distâncias entre dois *paus* ou duas *madeiras* (como se expressam na gíria seringalesca), reduz a sua coleta de leite, às vezes até a quinta parte do que pudesse obter si trabalhasse em seringal plantado, no qual a cultura intensiva, por aproximá-las uma das outras, corrigiria o vácuo de espaço entre duas héveas.

Dentre as causas intrínsecas, que deprimem a economia do seringueiro, podemos, por amor ao método, diferenciá-las em fisiológicas e psicológicas; dentre as primeiras, arrolaremos *falta de higidez*, ou de saúde, e *sub-nutrição*; e *ausência de técnica* e *incultura*, entre as últimas.

A falta de saúde não é infligida ao homem amazônico por imposição fatal do meio, sendo uma resultante das endemias que contrai, por contágio, o organismo trabalhado pela prática de hábitos anti-higiênicos ou por deficiência alimentar. Em outros tempos, era o trágico-*beri-beri*, quase sempre fatal, a conseqüência mórbida ou funesta da avitaminose. Ainda hoje é a malária, geralmente cronificada, que freqüentemente não mata, mas invalida, ou quase. Podem espaçar-se os acessos febris com calefrio ou não, mas persiste o mal endêmico, de que é índice a esplenomegalia, o aumento às vezes disforme do baço, que a vítima carrega para o resto da vida precária, persistente é a anemia crônica irremovível, que rebaixa a capacidade de trabalho, entor-

pece a atividade motora do organismo, de dupla origem palúdica e verminótica, sendo a uncinariose a mais generalizada modalidade de parasitismo intestinal.

Sub-nutrição — A alimentação do seringueiro sempre foi imprópria e nociva. Além de caça, com que não se pode contar sempre, o recurso mais seguro sempre foram as conservas. Nos tempos ominosos da borracha eram as conservas de latas. Hoje é o peixe salgado — o pirarucú, que representa o alimento animal mais constante na cozinha parquíssima do seringueiro, depois que o *xarque* encareceu.

A deficiência alimentar, na época áurea do Amazonas, acusa-se de modo muito mais funesto do que hoje, principalmente como causa do beri-beri, porque os cereais eram todos importados, em péssimas condições de conservação, reduzidíssimos em seu valor nutritivo: a farinha quase fermentada, as carnes exclusivamente em conserva de latas; falta absoluta de legumes e frutas; ausência quase completa dos alimentos protetores, pois o seringueiro não consome leite, manteiga nem ovos. A condição daquela gente, ainda hoje, apesar da melhoria obtida, é geralmente de hipovitaminose.

Sabida a significação energética dos alimentos, compreende-se o efeito malsão dêsse regimen pobre, insuficiente para os dispêndios motores do trabalho muscular, donde, certamente, uma produção menor no homem dos seringais, além do *deficit* psicológico ou mental.

Alcoolismo — Veneno de tôdas as raças e de tôdas as latitudes, como tal apontado pelos mais reputados higienistas, o álcool não pode deixar de ser computado dentre os fatores comprometedores da higidez do seringueiro; e OSVALDO CRUZ, visitando o interior amazônico, registrou a sua observação sôbre o mal, em um dos seus relatórios

Nem poderia ser uma exceção nos hábitos de nossas populações rurais e sertanejas, porque não podemos omitir que as bebidas alcoólicas, de que a cachaça é o padrão, são usadas por todos os que se entregam aos trabalhos braçais, mesmo nesta grande metrópole, quanto mais nos sertões, centrais ou amazônicos! Quem, como eu, há quarenta anos percorreu uma boa parte das regiões do alto-Amazonas, não podia deixar de recolher a impressão do abuso do álcool, cujo consumo saltava aos olhos do observador menos atento, menos arguto. Com o comprometimento da saúde do seringueiro, o álcool reduzia a sua capacidade produtiva e a sua habilidade manual.

Técnica, ou melhor *psico-técnica* — Deve intervir o elemento psicológico, o educativo, em qualquer trabalho humano. Com o concurso da inteligência, os movimentos tornam-se menos automáticos, mais intencionais e mais produtivos. Ao automatismo psicológico é preciso associar um contrôle regulador, incitador dos movimentos mais úteis, supressor das pausas e das contrações musculares dispensáveis, ou mesmo complicadoras do exercício em que se resume o ofício. A vigilância psicológica garante melhor utilização do tempo e do esforço indivi-

dual, suprimindo os movimentos superflúos e utilizando os mais aproveitáveis. Tôda a aprendizagem técnica, psico-técnica, falta ao seringueiro, que, como o nosso homem sertanejo, geralmente é canhestro, sem habilidade manual, mal sabe andar, nem sabe sentar.

Incultura — Sob êste título podem compendiar-se todos os erros e deficiências do homem amazônico, causados pela ignorância.

A higiene individual, que é conquista da educação, preserva o indivíduo, prevenindo alguns inconvenientes, corrigindo ou eliminando outros, e arma cada indivíduo da capacidade profilática com que se poderá defender dos males evitáveis.

Falta ao seringueiro a educação, no sentido de aquisição de hábitos salutaros, no tocante à saúde, à alimentação, ao trabalho, à vida em geral.

Lesão da propriedade

Lesão maior, mais grave e duradoura, era a que atingia as fontes de vida, as *minas* de produção, os veios das gomas, os filões do “ouro negro”, era a que destruía sistemáticamente a riqueza latente, que em estado potencial se entesourava no âmago das seringueiras. Com o propósito de produzir, praticava-se o que PLÁCIDO DE CASTRO, em seu famoso relatório de 27 de Março de 1907, como prefeito do Alto-Acre, capitulava de “exploração bárbara e vampira da seringueira”, até aquela data seguida, “exploração revoltante e iníqua, que em pouco tempo reduz e transforma ricos seringais em abandonadas florestas”.

Era o êrro de técnica malsã, com o emprêgo da *machadinha*, instrumento cortante e contundente, que fazia o corte da “árvore-martir” produzindo um traumatismo dilacerador, traduzido anatômicamente por uma ferida profunda, na parte cortical do caule da seringueira até as camadas mais centrais, com o comprometimento dos vasos de circulação da seiva. Para haurir, no momento, maior quota do látex, o seringueiro atacava a hévea a machadadas, comprometendo-a e sacrificando-lhe a vitalidade. Nessa obra vandálica, embora inconsciente, que exprime bem a ignorância, a incultura, a falta de orientação racional na exploração dos seringais, ficaram estes depredados, esgotados, com sacrifício quase definitivo e irremediável de sua produtividade lactífera. Documenta-se assim, de modo irretorquível, que a indústria não era apenas extrativa, mas, antes de tudo, destrutiva.

Essa obra de destruição de uma riqueza florestal privilegiada consumava-se justamente nas propriedades dos baixos rios (Madeira, Purús, Juruá, etc.), que desfrutavam a vantagem de proximidade dos centros comerciais das duas praças amazônicas, as bases dos negócios, e com navegação mais ou menos franca durante todo ano. Assim era forçada a exploração dos altos rios, sob maior jugo da “tirânica” distância, agravada progressivamente a dificuldade do transporte, enca recida ainda mais a vida nos seringais altamente situados. Com essa

deslocação dos centros de produção, para pontos mais distantes no curso dos rios-acima, impunham-se viagens de vinte, trinta e mais dias nos navios "gaiolas", com peripécias nos acidentes de pedras, paus, praias, cachoeiras, ou sejam outros tantos obstáculos da navegação fluvial naqueles trechos mais altos dos rios, onde a vazante periódica reduz consideravelmente o volume das águas.

Além do encarecimento da produção, isolados ficam os centros de extração do leite durante grande parte do ano, muitas vezes experimentando escassez de mercadorias de primeira necessidade, senão delas completamente desprovidos.

Fatores depressivos da produção econômica

Um fator lesivo do comércio — o "regatão" — Há quase um século, o primeiro presidente da Província do Amazonas, TENREIRO ARANHA, em seu *Relatório* assim classificava o *regatão* como o "principal fator do definhamento do comércio": "O comércio do interior tinha desaparecido quase todo dos povoados, e se dirigia em direitura das feitorias estabelecidas nas matas, para o Pará, ou se fazia a retalhos, pelos rios, lagos, sítios, e aldeias do interior, em pequenas canoas como se fôsem lojas e tabernas flutuantes em que, sem pagarem direitos, por veredas tortuosas, iam os mascates e regatões iludir a singeleza dos índios, embruteçê-los e concentrá-los ainda mais e com tôda sorte de malversões, fraudes e sizanias afugentá-los dos povoados e exaurí-los de tudo quanto pelas matas podiam apanhar para os tráficos dêses atravessadores, que muitas vêzes seriam vítimas, às mãos infensas dêses mesmos selvagens que assim iam embrutecer, ao passo que o comércio mais lícito e regular dos povoados de dia a dia ia desaparecendo, e sendo naturalmente prejudicado, por não poder competir com o daqueles extravia-dores".

E', como se vê nessa valiosa citação, um mal secular do comércio do Amazonas — o *regatão* — uma entidade personalizada no negociante e materializada na embarcação, a mesma expressão a define cumulativamente. Barcos maiores — batelões —, geralmente a remo, com superestrutura de tolda em madeira, em cujo interior está armado o mostruário para vendas ambulantes de tôdas as mercadorias, desde o feijão até os medicamentos e perfumarias. Exercido nos primeiros tempos por portugueses e brasileiros, só depois vieram os sírios, que acabaram monopolizando o mister. Insinuam-se pelos igarapés, paranás sombrios, furos, lagos, por quaisquer recônditos escaninhos do labirinto potamográfico, mascateando por aquelas paragens excusas.

Comércio de facilidades, mas também de expedientes duvidosos, mais ou menos lícitos; negócios a trôco, os *regatões* permutam as suas mercadorias (dos comestíveis às quinquilharias), com o produto que os seringueiros desviam do *patrão*, numa flagrante evasão do resultado do seu trabalho, o que diminue a sua contribuição para resgate do débito,

com o comprometimento do saldo da conta corrente. Este fato é mais um argumento em defesa do *patrão*, por alguns observadores acusado de extorsão, e em realidade mais lesado do que lesivo.

Esse é o *regatão* propriamente dito, típico, profissional, *regatão* confesso, que como tal se inculca e é apelidado, o de mais baixa categoria, com negócios de menor vulto e mascateando com os seringueiros.

Pela guarnição dos *navios-gaiolas*, o comércio do gênero *regatão* era exercido, desde o comandante até os foguistas, si é que muitas vezes os marinheiros não o faziam em sua esfera. O comandante disfarçava com o letreiro de “rancho” a provisão de víveres, que excedia, de muito, as necessidades do consumo de bordo, durante a viagem redonda. A’ custa desse excedente de sortimento, negociava com os seringalistas. Nestas transações, estavam sendo lesados, mais ou menos, os aviadores. Mas preciso é, entretanto, no intuito de imparcial análise, reconhecer que tais negociações serviam, em certas épocas, como suprimento de socorro às populações, desfalcadas dos gêneros mais indispensáveis, por falta ou escassez de navegação, que nos pontos mais altos chega a ficar supressa por meses seguidos em consequência de maior “vazante” dos rios.

Armam-se mesmo “navios-regatões”, carregados expressamente de mercadorias de primeira necessidade, que se aprestam para subir às águas oscilantes dos primeiros *repiquetes*, e que, em acidentes sucessivos de encalhações e outros tropeços, chegam aos pontos mais altos justamente quando a carência de recursos alimentares, e outros, se torna mais premente, após o período de seca mais ou menos prolongado. Neste caso, o *regatão* não é o comandante, tampouco os seus subalternos na guarnição dos navios, mas os respectivos proprietários ou fretadores, às vezes comerciantes das praças, que vão tentar aquele comércio de emergência. São verdadeiros armazéns flutuantes, que fazem o trajeto de subida e descida dos rios, permanecendo nos pôrtos dos *barrações* o tempo necessário para as operações, que realizam a dinheiro ou a trôco de produtos, o que é mais comum.

Considerando, porém, em geral, o fato é mais uma ocorrência fraudulenta na montagem aleatória da economia da região, sendo de comentar, como agravante que, à exceção das vendas de utilidades indispensáveis, o grosso da equipagem se locupleta impingindo aos seringueiros atoleimados e crédulos, por preços exorbitantes, artigos superflúos, às vezes luxuosos e incompatíveis à condição daqueles extratores — quinquilharias, bugigangas, adornos impróprios, utensílios mal aproveitados, miudezas despropositadas, peças de sedas, joias falsas de fantasia . . . Havia em Manaus e Belém armarinhos conhecidos como quase exclusivamente fornecedores de tais aviamentos aos práticos, maquinistas, foguistas, etc, dos *gaiolas*, que praticavam mais ou menos solertemente esse chamado negócio de *ciganagem* . . .

Na aquisição dessas superfluidades, — que não remediavam o seu trem-de-vida porque, de sua condição ínfima transcendiam, não atenu-

ando o desconforto, porque meras “inutilidades”, — desviavam os seringueiros o produto de suas penosas atividades extrativas, ou o numerário tomado por adiantamento aos *patrões*, para gravame de seus débitos, ou, mais raramente para desbarato de seus *saldos*, devorados em desperdícios ao envés de amealhados como pecúlio a se consolidar no futuro.

Enquanto tais gastos superflúos e mal aproveitados lesavam a economia daquela gente, as suas precárias instalações domiciliares se resentiam de falta do mais rudimentar conforto ou mesmo da mais elementar comodidade: as residências eram miseráveis abrigos, mesquinhas barracas, ou simples *taperis*, com falha proteção contra as intempéries, armadas em *pachiúba*, sem portas nem janelas nos vãos de abertura para o exterior, imperfeitamente cobertas com fôlhas de palmeira e pavimentação também de *pachiúba*.

Mobiliário, inexistente; utensílios, insuficientes e inferioríssimos.

Si era assim, desconfortabilíssima, a instalação dos seringueiros, pouco condigna também a dos *patrões*, à exceção do que se via no rio Madeira, o mais civilizado indiscutivelmente.

Nos rios Purús, e seus ricos afluentes, como no Juruá, e nos demais, à época do apogeu da grandeza amazônica, com o fastígio da indústria extrativa da borracha, encontravam-se os mais potentados seringalistas, senhores latifundiários de domínios sem fim, instalados em medíocres casas à margem dos rios — os *barracões*, onde tinham as suas residências e os empórios de suas mercadorias e do produto provindo dos centros. Tais casas, antes casebres, raramente armados em madeira beneficiada, quase sempre de material tosco ou mesmo de *pachiúba*, rarissimamente de taipa ou de barro. Todo aparelhamento da vida doméstica, no lar daqueles *gran-senhores*, era pobre, deficiente, desconfortável. Fui hóspede, em 1903, de um magnata do Alto Purús, JOSÉ FERREIRA DE ARAÚJO, proprietário de três grandes seringais, *comandante* do batalhão patriótico que alí se constituíra para dar combate aos peruanos, que naquele momento de guerra com a Bolívia operavam na região do Chandless. Eixo de todo o comércio do Alto Purús, da foz do rio Iaco para cima, o coronel JOSÉ FERREIRA residia no seu seringal “Liberdade”, onde estava instalado o estado-maior do batalhão que improvisara e comandava, (aliás reconhecido pelo comando das forças federais com sede em Manaus), na sua casa que não passava de uma grande palhoça, e cercado de ambiente paupérrimo em recursos domésticos, sem nenhuma provisão de conforto e comodidade.

Explica-se êsse estado de precária civilização, pela procedência humilde de quase todos aqueles latifundiários, que, retirantes das sêcas ou emigrantes broncos e primitivos, vieram como seringueiros, fazendo-se depois proprietários. HERMELINDO CONTREIRAS DE OLIVEIRA, que foi o mais opulento proprietário de afamados seringais no Juruá, confessou-me que, vindo de Sergipe, quase adolescente, fez-se seringueiro, conquistando a posição altíssima em que quase tôda a Amazônia da-

quele tempo o conhecia. Aliás CONTREIRAS, de origem humílima, fez-se um aristocrático proprietário, de maneiras distintas e traquejo social impecável com residências luxuosas em Belém e Manaus, possuidor de um navio-gaiola que era um palácio flutuante.

No Baixo-Purús, como ainda no Baixo-Juruá, cuja exploração foi mais lenta e menos tumultuosa, encontravam-se proprietários civilizados, como THEODORO BOTINELLY e FRANCELINO BORGES, e outros, com boas instalações, mas sobretudo HILÁRIO ÁVAREZ, que, em "Cachoeira", ostentava vida confortável, quase luxuosa. E' o "caboclo real", que mandava educar as filhas em Paris e matriculava os filhos nas escolas superiores do Rio.

Outro fator prejudicial. impurezas — No rol das causas comprometedoras da economia amazônica, não podem deixar de ser incluídas as matérias estranhas, de que ela vinha sobrecarregada, por fraude na sua coagulação.

Produto de cotação privilegiada, a nossa borracha, mesmo na qualidade chamada *fina*, que era a mais pura, não se forrava do desprestígio acarretado pelas *impurezas*, avaliadas pelos técnicos em vinte por cento, aproximadamente, numa média geral. E' que os seringueiros dolosamente incorporavam à chamada *pele* de borracha, formação mais ou menos esférica, corpos estranhos pesados, tais como seixos, fragmentos de ferro, e outros, dispostos como núcleos daquelas formações, em torno das quais se superpunham concêntricamente as camadas de leite, coaguladas sucessivamente pela defumação.

A lavagem da borracha, processo trivial do seu beneficiamento, desembaraçando-a totalmente das impurezas grosseiras, impõe-se como uma das preliminares providências valorizadoras.

Só desde pouco tempo vai sendo tal prática adotada, em usinas instaladas e mantidas por iniciativa privada, com plena eficiência, mas só beneficiando apenas uma parte mínima da produção total, com vantagens comprovadas.

Quando si puder impor a lavagem total da nossa borracha, expurgando-a da quinta parte de substâncias estranhas que a depreciam na cotação, além de deporem contra nossa lisura e espírito de progresso, ter-se-á concorrido para elevar o conceito do nosso produto, ao mesmo passo que se pouparão os fretes e outros dispêndios, correspondentes às tais impurezas, adicionadas às gomas com o fim ilícito.

Desvalorização da borracha

Assim que se pronunciou a queda da cotação da borracha, o comércio amazônico, na sua articulação das praças de Belém e Manaus com os elementos produtores, passou a atravessar uma situação de grandes perturbações. Conjecturas, apreensões, interrogações trabalhavam os espíritos, na preocupação ansiosa de conseguirem a explicação do fato.

Se a notícia, de aparição de novas fontes de borracha na Ásia, já havia chegado aos mais advertidos e bem informados e mais lúcidos, tal revelação não fôra suficientemente divulgada, ou, se divulgada, mal compreendida. O estado geral de espírito era de descrença, senão de derrotismo. A Amazônia possuía-se da idéia megalomaniaca de sua riqueza espontânea brotada das entranhas da terra; assim também repousava, filaiuciosa, na convicção da superioridade irrealizável da sua borracha. Então, porque tal desvalorização? Por isso, despercebia-se da explicação matemática do fenômeno de superprodução, pelo êxito integral das plantações de hévea no Oriente, que, em 1900, dando apenas 4 toneladas de borracha aos mercados consumidores, em 1913 já concorriam com 47 618 toneladas, suplantando a produção de tôda bacia amazônica, e atingindo em 1930 o algarismo fabuloso de 800 000 toneladas, enquanto a nossa descia a 14 000 toneladas.

Para poupar espaço, deixamos de fazer ligeiro escôrço sôbre o histórico da borracha oriental, obtida pela cultura de hévea por um fenômeno ruinoso de emigração daquela nossa planta indígena, cujas sementes foram clandestinamente conduzidas, do rio Tapajoz, pelo botânico JAMES COLLINS, em 1873 e por WICKHAM em 1876, para os jardins de Kew. Sua cultura, conduzida cientificamente, vingou ruidosamente, fazendo surgir no Oriente a maior riqueza agrícola do globo. Enquanto se erguia, na Ásia, aquele portentoso monumento de construção econômica, pela aclimação e adaptação da hévea em latitude distante, em seu próprio *habitat*, aqui na nossa malograda Amazônia, tornava-se cada vez mais funesta a obra de economia destrutiva, que com o ataque quase mortal às héveas, sistematicamente sacrificava o rico patrimônio florestal dos seringais amazonenses

Aquela vultosa produção de gomas, trazida pela concorrência asiática, não correspondia um consumo industrial equivalente, daí, um excesso de borracha, que sobrava, determinando, por força da clássica lei da "oferta e procura", a baixa de preço do produto. Foi essa desvalorização, tão bem explicada no curso dos fatos econômicos, que acarretou a situação calamitosa da indústria extrativa durante cêrca de trinta anos, e cuja interpretação veio sendo sempre falseada pelos orientadores da economia amazônica.

A mentalidade pouco lógica, ou mal servida pelo conhecimento da realidade, impregnara-se da "mística" da borracha amazônica, imbuída da superstição de insubstituibilidade das nossas gomas pela sua excepcional elasticidade, com esta concessão apenas. A borracha de plantação serve para os artefatos mais finos, mas com a condição de se lhe adicionar, à maneira de "tempero", uma certa dose, pequena embora, da goma amazônica...

Assim a nossa borracha aparecia, ao entendimento daquela gente alheia do movimento do resto do mundo, numa esfera preferencial, dentro da qual não se poderia compreender uma cotação desmerecedora.

E a única explicação só deveria ser esta: a especulação dos compradores de borracha, dos mercados de New York e Londres, por intermédio dos seus agentes nas praças amazônicas. Nem os mais presumidos em especialistas no assunto, nem estes se davam ao trabalho de compulsar as estatísticas comparadas da cotação da borracha, pelas quais se verifica, através de muitos anos, que os preços da silvestre amazônica e da plantada no oriente, mais ou menos se equivalem, sendo que a princípio a nossa era mais cotada, passando depois a preço menor, pelo excesso de impurezas, enquanto o beneficiamento da asiática se tornava cada vez mais esmerado.

Tudo isso escapava ao exame dos altos censores daquele comércio, avultando avassaladora onda de queixas e reclamações contra as mãos especuladoras. Para critério geral, prevalecia este axioma: "Só pode haver boa indústria de borracha com o produto amazônico". Por sugestão da "lenda do tempero", que saturou a mente dos responsáveis pelo comércio, formou-se um conceito falso, ilógico, errôneo, cuja influência nociva iria se refletir na política valorizadora da borracha, por eles orientada, sobre este postulado salvador. A borracha deve ser retida, literalmente supressa a sua exportação, até que a respectiva falta, nos grandes centros industriais, pela indispensabilidade de matéria prima, force a sua alta com preços compensadores.

Era um erro monstruoso, mas o abantesma da especulação assombrava a todos.

Os fatos demonstravam, entretanto, que a sorte da borracha, brasileira ou asiática, era uma só, beneficiava-se o produto pela mesma causa, tudo dependendo do equilíbrio entre produção e consumo. E, por isso, quando em 1925, os efeitos restritivos do "Plano Stevesson" se fizeram sentir na Inglaterra, com dividendos até de cerca de cinquenta por cento nas companhias de plantação, a nossa borracha subiu a quase vinte mil réis, ou fôsse, mais ou menos, meia libra.

Mas a ignorância enfatuada dos orientadores pretenciosos, no seio das classes conservadoras, inflava-lhes de ar os peitos, em atitudes petulantistas, reclamando do Governo Federal um plano de valorização das gomas, baseado na sua retenção completa. E os desabafos, à explosão de ressentimentos pela inação do poder central, chegaram algumas vezes às formas mais irritantes de reação, havendo até quem proferisse a heresia de apelar para separatismo...

Tão ensurdecadora a atoarda, que o Governo Federal cedeu à pressão desesperada dos que suplicavam um remédio salvador, e, pelas agências do Banco do Brasil, em Belém e Manaus, promoveu um serviço de armazenamento, com emissão de *warrants*, para reter os estoques que se fôssem acumulando. Desastre completo. Sustada a exportação da borracha, sua cotação não se alterou, primeiro, porque a baixa não era truque de especulação, segundo, porque a quota da nossa produção era irrisória, em face da produção oriental, não podendo influir nos merca-

dos. A borracha retida, passado algum tempo, perdera em cotação, pela baixa de preço nas praças consumidoras, e em pêso devido à quebra fatal por perda de água.

Igual desastre sofreram alguns comerciantes, dos mais obstinados em suas supersticiosas convicções, que levaram ao terreno prático a realização de um plano privado de valorização do seu próprio produto: retiveram, nos seus armazéns e porões, razoáveis estoques de gomas, que alí jazeram por dois ou três anos, decorridos os quais foram retirados dos seus esconderijos, com baixa de pêso e de preço.

Pretendendo enfrentar o inelutável, no caso da desvalorização da borracha por um fenômeno de superprodução, obnubilada mantinha-se a visão daqueles líderes, que se não apercebiam desta verdade: o problema econômico da borracha se teria de resolver pelo equilíbrio orçamentário do seringueiro, só conseguido pelo barateamento da vida, isto é, por uma produção mais barata, apoiada na cultura regional dos artigos do consumo alimentar. Isto, além de parcimônia nos gastos, já que a estabilidade do preço do produto era difícil de obter.

Persistiam no êrro de pleitear uma política de supervalorização, que é sempre arriscada, temerária

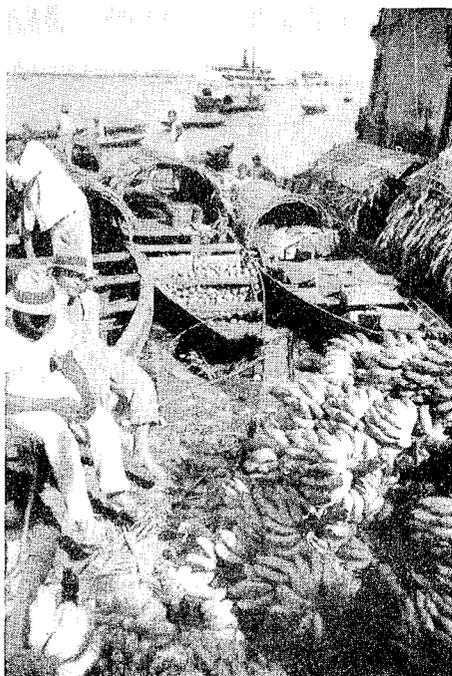
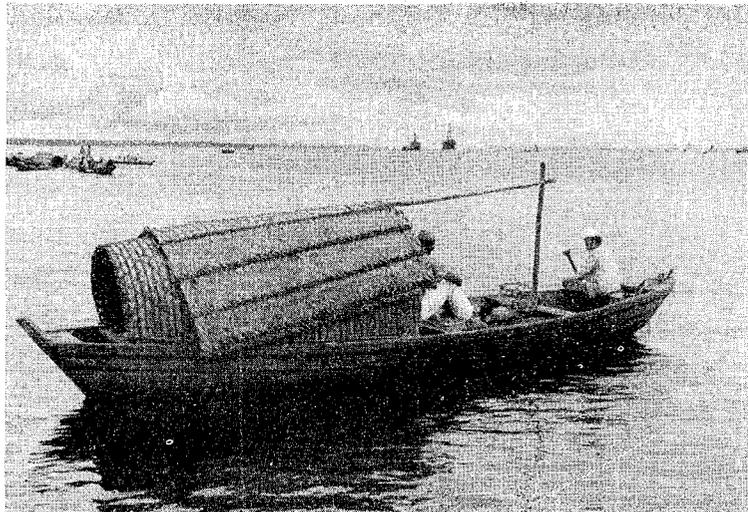
Disculindo o “Convênio de Taubaté”, no Parlamento nacional, há mais de trinta anos, BARBOSA LIMA, com sua clarividência inzulgar e dialética arrasadora, já se insurgia contra essa terapêutica, que pretendia salvar a produção com aumento de preço, assim ensinando: “Só se valoriza um produto, aumentando-lhe o consumo”. Podendo-se propor como corolário dêste axioma: “Para remediar uma crise de desvalorização, mister se faz o barateamento da produção”.

Ainda subsistem, até hoje, cérebros impermeáveis, em cujos recessos se enquista a superstição de ser a borracha amazônica o “tempero” de que carece a de plantação, para assegurada ter a sua elasticidade. Mas felizmente estão fora da moda; e sua atuação não mais se fêz sentir nos conselhos, deliberações, sugestões.

Essa compreensão é maciçamente errada: a borracha amazônica é a melhor, embora seja a que se apresenta mais impura; é ótima, mas pode ser substituída, mesmo na confecção dos mais finos artefatos, que podem ser manipulados exclusivamente com o produto oriental ou o sintético.

O Cônsul HIPÓLITO VASCONCELOS, que servira em Londres, aí já em 1908 produzindo relatórios nos quais estudava a questão da borracha, em conferência na Associação Comercial do Amazonas dizia, há mais de vinte anos, estas palavras que retenho na memória, respondendo eu pelo conteúdo, embora possa estar alterado o seu texto: “Vós, que sois responsáveis pelos erros do presente e sobretudo pelos erros do passado”... E, abordando em cheio o assunto: “Se os produtores da Amazônia se retraírem, com o intento de forçar a valorização, e retiverem o seu produto, os industriais europeus e americanos *perderão o hábito da*

Aspecto de uma "canoa" Nota-se, na parte posterior, uma proteção móvel contra o sol, tecida em palha

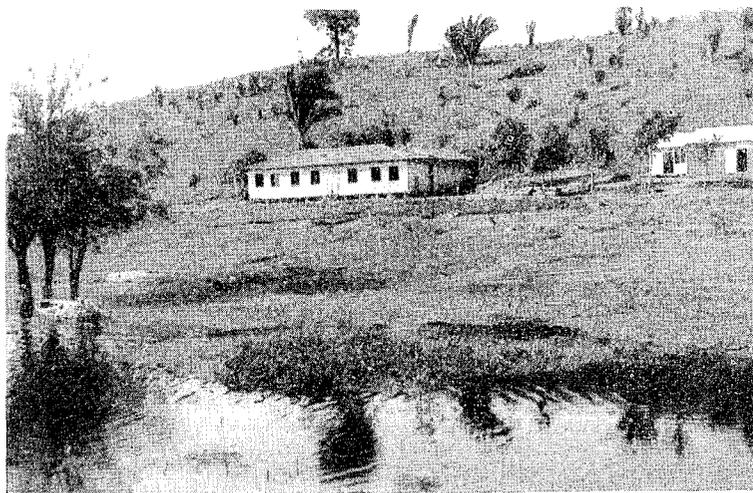


Rampa do mercado de Manaus Mercadorias trazidas pelas "canoas" dos paráns vizinhos

Fotos coleção "Panaji do Brasil"

Fazendola no paraná do Careiro, em início de locação Essa região possui terras muito férteis e bons campos para criação de gado

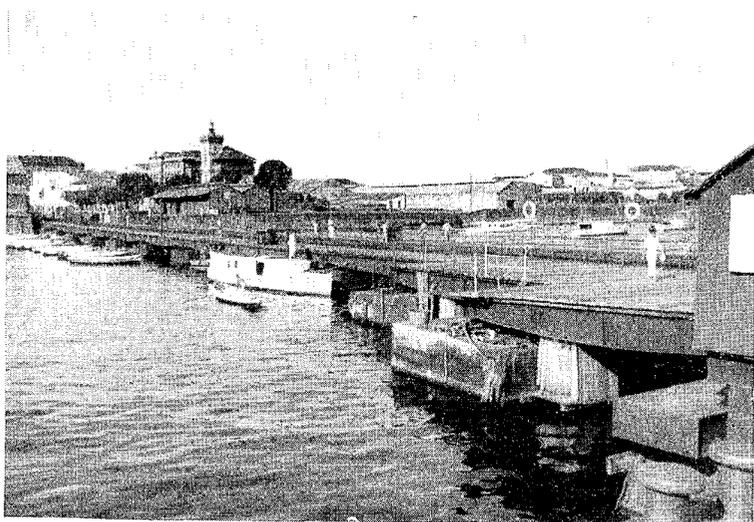
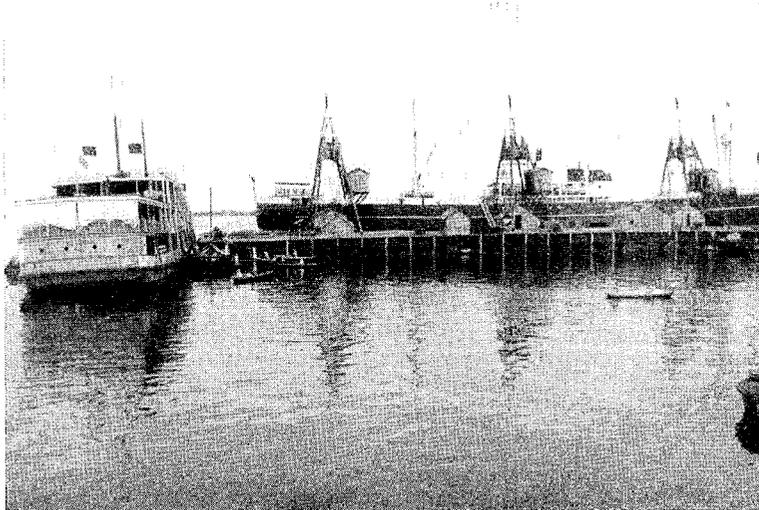
Foto Di Clóvis MARTINS





Mercado de Manaus — Sua proximidade do rio facilita o trânsito, humano e de mercadorias bem como a limpeza, exigindo, de outro lado, uma construção elevada, por força das enchentes

Outro aspecto do pórtio de Manaus — Atracados vêm em-se um navio de alto bordo e uma "chata", aquele subindo até aí, e esta fazendo a navegação fluvial



Cais flutuante do pórtio de Manaus, assim construído em virtude das grandes variações de nível do rio Negro

Fotos coleção "Panahi do Brasil"

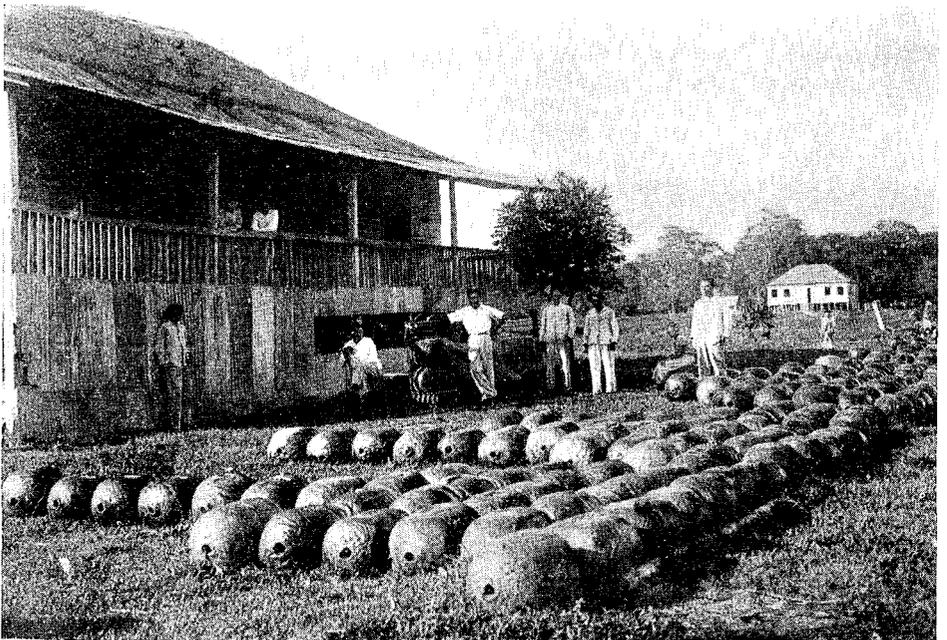


Pôrto de lenha no rio Amazonas De um modo geral, os navios fluviais do Amazônia queimam lenha, felizmente abundante naquela região

Foto "Observador"



Um seringueiro completamente equipado. O cesto que leva às costas, suspenso por faixas que se cruzam na frente, é o "jamaxi", curioso meio de transporte aprendido dos índios



Outro lote de "bolas de borracha", em frente ao barracão e no momento da pesagem

Transporte das bolas de borracha em balsas, aproveitando a correnteza. Também, quando possível, utilizam o transporte em "combóios", tropas de burros, por terra



Uma leva de nordestinos na atual "batalha da boi-racha". Com melhor assistência, já não seguem ao "Deus dará", como nos ominosos tempos

Espichamento e secagem de couros e peles. Nos centros populacionais já existem cutumes, mais ou menos modernizados



borracha amazônica, porque ela não é imprescindível na fabricação de artefatos, por mais delicados que sejam”.

Assim, falava, perante auditório composto dos elementos mais representativos da administração e do comércio, um grande estudioso, consumado conhecedor da matéria, que estudara diretamente nos centros europeus, econômicos e fabris, perscrutando o aspecto comercial, como o estatístico e o técnico do problema da borracha.

Daquele modo, êle asseverava seu juízo autorizado por seus estudos e observações, com sinceridade quase rude, mesmo chocante. O tempo — duas décadas transcorridas — tem confirmado suas afirmações categóricas. Mas, naquele tempo, para a maioria eram paradoxais. É que o prestígio das “idéias preconcebidas”, mesmo quando geradas espontâneamente, sem ciência nem experiência, amplia a credulidade até muito além dos limites da medíocre razão. Alimenta erros que se tornam desenraizáveis.

Hoje se sabe que a nossa goma elástica é supérflua, que as mais exigentes indústrias podem passar sem ela. Entinguiu-se a *mística* da borracha do Amazonas. Tal superstição deixou de enxertar os espíritos com o desvio de um critério malsão.

*

Foi CHARLES MARIE DE LA CONDAMINE, cientista francês e explorador, quem revelou à Europa, em 1745, a existência da borracha, que êle surpreendera em 1743, ao percorrer a Amazônia, falando de suas propriedades e aplicações à Academia das Ciências de Paris. Mas já era explorada, desde a época pré-colombiana, pelos índios da América do Sul, que, nas cidades marginando o Golfo do México se utilizavam da borracha do Panamá conhecida por *Castilloa* (o caucho) usando esta goma como moeda, com que pagavam tributos aos *astecas*

Antes de Colombo, portanto, os índios conheciam a borracha. E, depois a descobriram na Amazônia, fazendo, dela, artefatos vários, como tubos, bolas, garrafas e ainda seringas, de que lhe veio o nome, hoje quase em desuso na sua forma primitiva, mas conservado nos derivados — *seringal*, *seringueiro*, *seringalista*, todos aqueles artefatos certamente à altura da primitiva indústria dos selvícolas.

Conhecida, desde os primeiros anos do século XVII, pelos espanhóis, a borracha foi utilizada logo depois pelos missionários, em panos e sapatos, que ela tornava impermeáveis. Já era, pois, usada no Brasil, quando o naturalista LA CONDAMINE a revelou em França, chamando à árvore *hévé* (donde se formou *hévea*) e ao produto *Cahuchu* (donde veio *caoutchouc*).

Tendo sido aplicada na Europa para apagar os traços de lapis, até o fim do século XVIII não despertava maior interesse até o primeiro quartel do século XIX, quando THOMAS HANCOCK iniciou a tentativa da indústria com aplicação da borracha em artigos de vestuário, verifi-

cando logo que a matéria elástica não suportava altas ou baixas temperaturas, sem ser alterada. Mas CHARLES GOODYEAR, em 1839, verificava na América que, tratada pelo enxofre, a borracha adquiria resistência às influências nocivas do calor. Levando mais além as experiências de GOODYEAR, HANCOCK em pouco tempo descobria o processo de conservação chamado *vulcanização*.

Servida por êsse recurso decisivo, desenvolveu-se dia a dia, em constante aperfeiçoamento, a manufatura da borracha, crescendo sempre as suas aplicações.

Dessa utilização, tem-se o índice no quadro anexo, em que está registrada a estatística da exportação da nossa *seringa* (borracha) de 1827 a 1852, correspondente aos algarismos de 31 365 quilos, no primeiro desses anos, e 1 632 930 no último, numa progressão constante, através da escala intermediária. Nesse quadro, ainda não havia referência à borracha do Amazonas, porque esta região estava anexada à Pro-

Exportação da borracha (seringa) do Brasil
De 1827 — 1852

ANOS	Kilograma		
1827	31 365	1843	340 215
1828	50 820	1844	451 215
1829	91 020	1845	561 465
1830	156 060	1846	673 720
1836	189 225	1847	624 690
1837	283 920	1848	901 125
1838	243 630	1849	978 360
1839	391 770	1850	1 466 550
1840	388 260	1851	1 582 050
1841	339 240	1852	1 632 930
1842	270 360		

víncia do Pará, que figura como única exportadora. Por esta procedência, tôda a borracha amazônica ficou, para sempre, crismada, nos dois grandes centros consumidores de língua inglêsa, como *Pará-rubber*; designação que ainda se usa hoje, porém menos que dantes.

De 1853 para cá, as estatísticas discriminam as duas procedências da borracha — Amazonas e Pará. E, então, vemo-la em ascensão contínua no cômputo global, numa exportação total de 2 366 860 quilos, em 1853, a 13 390 000 em 1887, o que dá bem a medida de expansão industrial da goma elástica nesses trinta e quatro anos.

Deveria então ocorrer, em 1888, um fato decisivo na sorte da borracha: DUNLOP inventa o pneumático, criando o automobilismo, ou, pelo menos dando ao automóvel o atributo essencial de velocidade. E como a fórmula do progresso vinha, há muito, tendo a sua decifração sonhada num agente novo, que encurtasse as distâncias e economisasse o tempo do trabalho, facilitando a atividade humana e incrementando o intercâmbio comercial, o automóvel era reclamado como o instrumento máximo do progresso.

Quadro demonstrativo da Exportação da borracha dos Estados do Amazonas e do Pará

ANOS	Amazonas (quilogramas)	Pará (quilogramas)	ANOS	Amazonas (quilogramas)	Pará (quilogramas)
1853	1 575	2 365 285	1882	4 358 914	5 713 605
1854	33 435	2 682 165	1883	2 349 235	5 470 304
1855	85 695	2 111 250	1884	5 547 971	5 610 029
1856	239 820	1 665 900	1885	5 508 784	6 273 216
1857	212 655	1 596 060	1886	6 177 053	6 512 947
1858	—	1 745 310	1887	6 744 114	6 645 886
1859	116 310	2 557 830	1888	8 011 432	7 678 568
1860	208 965	2 463 525	1889	7 818 700	8 171 300
1861	251 655	2 262 973	1890	10 710 813	4 644 187
1862	294 420	3 060 960	1891	9 345 539	7 304 461
1863	550 170	3 484 320	1892	11 775 843	6 474 157
1864	52 290	3 413 565	1893	10 809 488	8 240 512
1865	—	3 545 850	1894	11 661 379	8 048 621
1866	624 585	4 810 505	1895	11 100 115	8 209 885
1867	870 673	4 956 127	1896	12 385 768	8 870 232
1868	990 030	4 661 225	1897	12 905 346	9 834 654
1869	1 096 275	4 779 411	1898	12 596 603	9 312 397
1870	1 360 575	5 241 051	1901	15 694 041	13 467 413
1871	1 370 807	5 394 587	1902	13 711 061	13 406 639
1872	2 011 137	6 206 395	1903	16 509 677	12 559 057
1873	1 906 587	6 384 779	1904	15 334 044	13 171 212
1874	2 193 196	5 522 444	1905	15 253 029	16 221 766
1875	2 164 324	5 565 663	1906	14 809 547	16 554 620
1876	1 773 238	6 175 920	1907	16 885 203	16 017 611
1877	2 573 395	6 641 980	1908	18 222 502	16 781 707
1878	2 773 862	6 454 716	1909	17 341 203	17 244 015
1879	3 246 935	6 889 482	1910	16 781 180	16 687 397
1880	3 362 396	5 317 009	1911	16 690 199	15 306 132
1881	3 385 517	5 317 007			

Flagrante a influência do automobilismo sobre a exportação da borracha: Menos de 15 milhões de quilos até 1888, desde 1891 denuncia a tendência para 20 milhões, registrada em 1894, atingindo, em 1904, 30 milhões, excedendo este algarismo em 1910 e alcançando o máximo, com 44 milhões em 1913.

Nesses dados numéricos, marcando a ascensão da curva de exportação da borracha, documenta-se a fase de engrandecimento do Amazonas, o período áureo da vida amazônica, que atinge o seu momento de esplendor. E chegara-se à realidade do sonho audaz, dos primeiros visionários, tocava-se à meta da Canaan fugidia, cuja conquista refugira aos golpes de defesa de seus possuidores selvagens. O “Eldorado”, visão fantástica da lenda, que fulgira à pupila dilatada pela cubiça dos primeiros exploradores, revelar-se-ia, dois séculos transcorridos, à expansão da grande indústria extrativa. Não era o “ouro”, mas era “ouro”, uma nova “utilidade preciosa”, — porque “útil” como o ferro e “preciosa” como o ouro, — que viria ser um novo agente do progresso, uma nova força propulsora da civilização. O sonhado “Eldorado” surgiria no *Far West* amazônico, que fugazmente viveu em efervescência febril, da última década do século XIX à primeira do século XX.

O esplendor da era da borracha foi efêmero, transitório, alucinante. Passou com a instabilidade do sonho, desdobrando-se num pesadelo, de que o Amazonas iria despertar em ruína econômica, apenas com uma re-

miniscência de catástrofe. Tôda a grandeza ruína, subsistindo uma tradição de grandeza malograda. E, à evocação de um passado recente, explodiam as revoltas e maldições no espírito dos que se julgavam iludidos e espoliados.

A supervalorização da borracha naquela época, provocada pelo brusco surto do automobilismo, foi a causa da sua própria queda. Êsse é o mal maior das valorizações. estimulam a concorrência na exploração do produto, numa medida excessiva, cuja conseqüência funesta se traduz na superprodução. Os capitais das companhias de plantação, inglêsas e holandesas, foram atraídos pela alta de preço das gomas, e, por isso, espíritos maliciosos insinuaram, — não se poderá nunca dizer se com razão ou não, — que a grande alta da borracha, pronunciada em 1910, fôra promovida por um truque daquelas emprêsas, para mais eficazmente seduzirem novos acionistas, para maiores realizações de plantio de héveas que projetavam.

A borracha perdurará como máxima preocupação da economia amazônica, na aspiração permanente de uma fase de agricultura que há de vir, como epílogo da investida que ora assistimos nos seringais a dentro, na ofensiva americana para arrancar, da “selva selvagem”, o precioso látex indispensável à indústria da guerra.

Essa será a obra da paz, obra durável e benfazeja para a região, tão mal explotada até nossos dias

A indústria extrativa da borracha foi um legado dos índios, por êles ensinada aos civilizados. O seu hábito, a sua prática participava da tendência das atividades dos nativos — o pendor para o aproveitamento dos produtos naturais.

Desde as primeiras décadas do século XIX a borracha começou a ser explotada; e, dêsse comércio, demos acima dados informativos, que datam de 1827, época inicial dêsses assentamentos, sendo de crer que os anteriores se extraviassem.

Vê-se bem nos quadros anexos como a produção de goma elástica crescia, sob a solicitação crescente das indústrias estrangeiras, vindo culminar no fim do século, pela brusca ampliação das indústrias manufatureiras da borracha logo após o advento do pneumático.

Desde que afluíram as primeiras levas de imigração nordestina, coincidindo com o melhor serviço de transportes fluviais, a exploração dos seringais começou a dominar tôdas as ambições de trabalho, sobrepujando as demais atividades. E MANUEL URBANO DA ENCARNAÇÃO, preto amazonense que fizera a primeira exploração e penetração do Purús em 1861, repetiu-a com mais êxito em 1863, quando foi inculcado como guia valioso de WILLIAM CHANDLESS, intrépido explorador inglês, que em 1864 levantava o reconhecimento da bacia daquele importante afluente do Amazonas. Por esta via fluvial, abria-se o caminho para o Acre, a mais famosa região de produção de borracha, no período de intensa vida eco-

nômica de tôda a Amazônia, e que maior número de extratores atraiu. “Acre” passou a ser um símbolo, mas, ao contrário do que faria sugerir o significado corrosivo sugerido por sua feição semântica, um símbolo de esperança, de riqueza, de prosperidade. A sua história, — na vida guerreira de nossa brava gente sertaneja, ou nos anais pacíficos de nossa diplomacia, — transluz nos feitos de heroísmo de nosso povo, capaz de defender a integridade do vastíssimo território, que lhe coube pela boa sorte.

Se a Amazônia era, do fim do século passado ao primeiro decênio dêste, um centro de *great attraction*, que seduzia à aventura todos quantos pretendessem enriquecer, a bacia acreana, pela tonelagem de sua borracha e alta qualidade dela, salientou-se como a expressão mais típica de uma vida turbilhonante de negócios fabulosos, exorbitantes e sedutores, dando, aos que de longe os encarem hoje, uma impressão de tumulto, de vertigem, de desequilíbrio e de desproporção.

Era um momento de atividade febril e desordenada, de trepidação comercial, de produção convulsiva. Sem ritmo nem medida, a vida econômica desvairava-se num compasso aceleradíssimo. E tôda a economia da Amazônia passou a gravitar em tórno da borracha, eixo de todos os negócios, numa órbita infinita, para a qual se dava a translação de todos os braços e de todos os recursos.

Sem malabarismo de paradoxo, pode-se asseverar, após aprofundada análise, que o grande mal da Amazônia é a borracha porque monopoliza todo o trabalho, porque desvia, da agricultura e outras fontes de vida, todos os braços e tôdas as aspirações; porque atrai os minguados recursos monetários para a penosa extração, porque interrompe o curso das outras atividades já bem encaminhadas, seduzindo os que a estas se entregam, e arrebatando-os na sua voragem; porque se oferece, em dados momentos, como uma fascinação para os que trabalham, e, porque, principalmente, é uma ocupação extrativa, instável, e sobretudo destruidora, que não fixa o homem e não lhe firma vínculos da vida social, forçando-o a saquear e esgotar os seringais.

Daí a instabilidade da vida econômica da Amazônia, insegura e oscilante, desdobrando-se à mercê das alternativas das cotações da borracha, que há trinta anos vinha afetado do mal da superprodução.

É paradoxo, mas é a realidade: quanto maior o preço da borracha, pior; porque aniquiladas ficam tôdas as iniciativas, que já se avançavam em mais ou menos progresso. Com a sua queda, reanimam-se os outros empreendimentos, incrementam-se as lavouras, surge uma “alta”, tôda a atividade agrícola esmorece, todos correm para os seringais.

E agora mesmo, com execução dos “Acordos de Washington”, garantida a borracha a doze cruzeiros o quilo, a debandada é geral, tôdas as culturas desprezadas. Todos para a borracha! E, do fato tantas vezes comprovado, a população amazonense experimenta o sintoma alarmante, com a penúria dos mercados de víveres, a escassez de alimentos, a fome, por falta de tudo quanto, antes, já se produzia.

Alta de preço, mas com estabilidade de cotação; rendimento de trabalho do extrator por confluência das héveas, obtido pela cultura intensiva, agricultura nos seringais, para plantio das héveas e lavoura suplementar para barateamento de vida do seringueiro — eis os fundamentos de uma vida econômica estável e compensadora.

Do mal que se diz dos ameríndios, é dever de equidade excluir o errôneo conceito de sua improdutividade na Amazônia.

A primeira fase da vida amazônica, de penetração e conquista estrangeira, não dispôs de outro elemento braçal além do índio escravizado. Imperou a escravatura vermelha, que só cessou em 1755, com o ato do Marquês de POMBAL decretando a emancipação dos índios do Pará e do Maranhão.

Foram eles que primeiro praticaram a indústria extrativa da borracha, antes da chegada de Colombo. Também foram eles os primeiros cultivadores do cacau, cana, café, arroz, etc, etc Pelos sertanistas e missionários, eram atados ao carro da exploração da terra, nem sempre dócilmente. Às violências dos escravizadores, correspondiam com golpes às vezes cruentos. Agentes do govêrno praticavam ataques deshumanos; um desses, só de uma investida, reduziu a cinzas trezentas malocas no Rio Negro.

Quando MENDONÇA FURTADO empreendeu os melhoramentos de Mariuá, foram dadas ordens para que os indígenas executassem “os serviços de transporte, edificação e lavoura”. Eram, portanto, o elemento mecânico do trabalho, e embora, desde então, fôssem acusados de indolência e preferência pelos produtos silvestres, para a atividade extrativa, o fato provado é que trabalharam nas lavouras, sendo produtores eficazes Maués, a velha Luzéa, onde a população autóctone é, como vimos, a mais pura etnicamente, constituída de índios e caboclos (índios domesticados ou levemente mestiçados), continua sendo o empório do *guaraná*, cultura quase exclusiva daquela gente. Além dos extensos guaranazais, notam-se ali outros tipos de culturas econômicas.

Foram, os nativos, os primeiros extratores de borracha, e, com o seu trabalho, o produto das héveas silvestres penetrou e conquistou os mercados estrangeiros.

Foi só quando a borracha começou a avultar nos quadros da exportação, que tênue e delgada corrente imigratória, começou a derivar, do Nordeste, para a Amazônia, em meados do século XIX, e tanto mais pronunciada quanto mais flagelantes os surtos de secas ali reinantes. Com a de 1877, cujos trágicos lances, de modo lúgubre e horrendo, enlutam os panejamentos fúnebres da história daquelas calamidades, marca-se a maior evasão dos cearenses e outros nordestinos, imigrantes que chegavam às plagas amazônicas em busca das terras em que abunda a água, em que não há o suplício da sede, e, além disso, onde viceja e frutifica, segundo a lenda então divulgada, uma árvore que dava *dinheiro* — a seringueira...

Avolumadas cada vez mais as ondas imigratórias, a Amazônia passa a ser uma terra dos nordestinos. Guiados e providos pelos líderes do bandeirismo iniciado — os comerciantes do Pará, são, os *retirantes*, os heróis desbravadores de regiões impérvias, que êles enfrentaram, sem saúde nem instrução, mas com ousado e destemido espírito de aventura, aliado a uma têmpera rígida de conformismo e adaptação.

À custa dessa gente, sem ciência nem arte de explorar uma terra desconhecida, operou-se a formidável empresa de domínio daquele agressivo deserto, domado e vencido pela intrepidez nordestina. Documento dessa conquista, nobilitante da raça, é a estatística ascensional da exportação da borracha, que, acusando sete milhões de quilos em 1870, deu o máximo de quarenta e quatro milhões em 1913, quando começou a declinar pela concorrência oriental, que, com a baixa da cotação, fêz cair fragorosamente tôda a economia tributária da hévea na Amazônia.

Não há arquivos censitários que nos instruem sôbre dados relativos à imigração nordestina, sabendo-se, porém, pela crônica da vida comercial, que as levadas de *brabos* eram de ano para ano mais densas. Mas os algarismos anuais da exportação das gomas, sempre crescentes, nos dão o índice dessa progressão imigratória, porque a indústria extrativa ficou sendo uma atividade exclusiva dos nordestinos, principalmente nos altos rios.

Consideremos que a produção gomífera veio sempre em marcha ascendente, até 1913, em correspondência àquela corrente imigratória, de que era, ela, função correlata, por efeito de um mecanismo de colonização quase automática, apenas amparada pela iniciativa privada, à revelia do poder público.

A tonelagem da produção, subindo dos primórdios da exploração amazônica ao momento em que se pronunciou a concorrência desastrosa, alçar-se-ia ainda muito acima, se o concurso de braços continuasse a crescer, atraídos pelas narrações fantasiosas sôbre as terras do *ouro negro*. Essa faina era acionada por uma fôrça estimulante — o alto preço, que chegou a uma *libra* por quilo. O afluxo dos nordestinos intensificava-se mais a mais, e o crédito, nas operações comerciais sem amparo bancário, fazia a sua ação impulsora, à mercê da confiança recíproca, que movimentava os negócios de borracha.

A produção de nossas gomas subia sempre, proporcionalmente ao povoamento que se condensava pela afluência nordestina, ao sabor da cotação crescente dos mercados estrangeiros, até a hora da baixa do preço.

Aquela cifra de quarenta e quatro milhões de quilos de borracha, o máximo atingido, em 1913, não assinala, pois, o limite de capacidade dos seringais silvestres, mas apenas o momento em que o preço começou a declinar e, como fatal consequência, sustado o estímulo à exploração. Até ali, concorreram, à fôrça de incríveis sacrifícios, o capital e o braço. Com o colapso da cotação, o crédito tocava o limite de seu esgotamento,

falindo o capital. Não era mais possível atrair imigrantes para a indústria extrativa, porque o aviador estava exausto; além disto, a notícia dos maus negócios desiludia os que, descrentes da sua terra, ambicionavam aquela outra, adotiva, para vencerem e prosperarem.

Com a cessação do afluxo de novos seringueiros, dera-se, nos seringais, a debandada dos veteranos que ali labutavam.

Essa deserção dos seringueiros foi corolário da baixa ruinosa da borracha, pela insustentável situação criada pelo vil preço do produto, que dera o "tiro de misericórdia" no aviador, cujo crédito não comportava mais contemporizações.

Aliás, no transcurso do período crítico, mais ou menos tormentoso do comércio da borracha, desde 1913, ficou bem evidenciada que com a instabilidade da cotação, sempre incerta e oscilante, ao declarar-se uma "alta" relativa, embora pouco compensadora, pronunciava-se um afluxo de seringueiros, principalmente dos veteranos, que revertiam, esperançados, às plagas amazônicas, encharcadas e ásperas, onde a água não escasseia nunca... E assim sucediam-se ondas de fluxo e refluxo de imigrantes, que oscilavam entre o nordeste e noroeste, forçados a um nomadismo imposto e regulado pelo imperativo econômico.

Dêsses movimentos de vai-e-vem, mais intenso foi o que ocorreu em 1924-1925, por efeito do "Plano Stevenson", restringindo a extração da borracha oriental. Forçada, por êsse meio, nos mercados internacionais, uma alta alucinante, que guindou o nosso produto ao custo de cêrca de vinte mil réis o quilo, logo em seguida, já em 1926 começava a queda, que foi brusca, pela supressão daquele aparelho supervalorizador, montado pelo govêrno inglês. Desvalorizada de novo a borracha, refluem para o Nordeste, para o Baixo-Amazonas, para tôdas as direções, as colunas de seringueiros que haviam sido atraídos aos centros de extração nos altos-rios, seduzidos pelos altos preços, sedutores mas fugidios...

Neste escôrço histórico da colonização nordestina no Amazonas, não podemos conter a crítica de um ato do Govêrno Federal, que, desde 1920, ainda mais agravou a rarefação demográfica dos seringais, com a prolação, para o Nordeste, das grandes massas que os habitavam e explotavam. Foi a medida adotada pela Presidência Epitácio Pessoa, facilitando aos nordestinos transporte gratuito, para regressarem às suas terras, com o fim de servirem nas obras contra as sêcas, que arrojadamente aquele esclarecido govêrno iniciara. Foi um êxodo, desolador para a região abandonada. Afim de alcançarem os navios do Lóide em Manaus, desciam dos seringais em gaiolas, lanchas, batelões, canoas, montarias e até em balsas.

Essa mobilização de braços, para uma região pletórica de população masculina, desfalcou os elementos de produção, extrativa ou agrícola, e desmontou os seringais.

Analisando tal fato, com sinceridade e destemor, assim me externei, em entrevista, ao órgão carioca *Correio da Manhã*, no seu número de 22 de Março de 1923, há vinte anos portanto: “A desmontagem dos seringais, êsse desaparelhamento de sua máquina extrativa, reveste hoje o aspecto mais sombrio por que nos é dado enfrentar o decantado problema amazônico”.

Foi o ponto crucial da derrocada amazônica — a descolonização. Ao clarividente govêrno de então, não ocorreu um recurso para conter aqueles colonos, entretendo-os em culturas várias, assistindo-os e provendo-os, numa obra de alto alcance agrícola, que a União estava devendo ao Amazonas, como indenização à lesão enormíssima que sofreu o Estado após o Tratado de Petrópolis, que lhe tirou a grande área chamada Acre Federal, muito maior que a região acreana.

Desmemoriado também da realidade que as estatísticas registraram, comentada por CINCINATO BRAGA, em trabalho lapidar, lembrando que a borracha, segundo produto de exportação logo depois do café, concorreu, num ano, com vinte milhões de esterlinos para a nossa balança comercial.

Em minha aludida entrevista de vinte anos atrás, procurei balancear os prejuízos da descolonização do Alto-Amazonas, calculando em *um conto de réis* o dispêndio para a colocação de cada homem nos seringais, quando o seu repovoamento pudesse ser tentado de novo. Hoje, porém, essa estimativa está muito longe da realidade, orçando, os mais competentes, tal gasto em nunca menos de *três mil cruzeiros!* Para quem atender à inópia de capitais, que sempre afetou as bases econômico-financeiras da Amazônia, não é difícil calcular quão desastrosa a tática governamental usada há dois decênios. Nestes vinte anos, a coragem e perseverança vieram escudando aviadores e seringalistas, obstinados em manter a indústria extrativa amazônica, preservando-a de definitiva eliminação nos mercados internacionais e nos centros manufatureiros, e, em apreciável obra de cooperação patriótica, fornecendo a matéria prima para a indústria fabril brasileira de borracha, que já consome cêrca da metade da produção da bacia amazônica.

A borracha e a guerra atual

É nessa condição minguada de povoamento verificada nos seringais do alto-Amazonas, depositários das maiores reservas do látex das héveas, que nos surpreende o momento tétrico e gravíssimo da guerra mundial.

Prontos para a colaboração pan-americana no combate às tiranias, o que de mais útil, em matérias primas, podemos dar é a borracha, apontada como um dos produtos mais valiosos para a vitória

Em consequência da invasão dos seringais asiáticos pelos inimigos, os nossos aliados anglo-americanos, por pressão das irremovíveis vicissitudes da guerra, se vêm privados da borracha oriental, e fazem um

apêlo aos nossos recursos na matéria. Quais são êles? Os nossos vastíssimos seringais silvestres, dos altos-rios, virgens ou quase, ainda pouco trabalhados, ou nunca violados pela mão do extrator

Discute-se, aliás com bases muito discutíveis, e às vêzes até absurdas, a capacidade máxima do vale do Amazonas. Os cálculos sugeridos em abundantes publicações bem intencionadas, são positivamente aleatórios. Qual a estatística, baseada em recenseamento real, para calcular-se a população de héveas? Tudo a respeito não passa de mera estimativa, falibilíssimos cálculos de aproximação, assentes em dados duvidosos, calcados em informes de pseudo-estatística, a respeito de uma região mal conhecida, muito mal estudada *de visu*, ainda com grandes extensões territoriais por explorar.

A guerra vem encontrar a produção amazônica reduzida a vinte milhões de quilos de borracha! E a produção mundial orçava, até a explosão da guerra no Pacífico, por setecentos milhões de quilos!

Até quanto, para suprimos ao menos em parte o desfalque verificado, poderemos elevar a nossa safra máxima para objetivos de guerra? Usemos de moderado otimismo. Para raciocinar, devemos partir da maior cifra registrada, com quarenta e quatro milhões de quilos, em 1913, quando o nosso produto começou a declinar, ao mesmo passo que o de procedência oriental, colhido nos seringais plantados, se erguia súbitamente.

Mas êsse declínio não foi índice de esgotamento dos seringais, porque os novos e pujantes, em paragens mais altas dos rios, poderiam ser sangrados copiosamente; tampouco sintoma de decesso de colonização, mas, sim, o resultado da desvalorização da borracha, pela falta de crédito que acionasse a tarefa extrativa, reduzido assim o rendimento produtor dos seringais.

Aquela safra de 1913 (quarenta e quatro milhões de quilos), como vimos, marca o extremo a que subira a extração, daí baixando em pêso, não por esgotamento dos mananciais do látex, mas porque concorria, nos mercados consumidores com preferência e proteção, um produto similar, de inferior qualidade porém mais puro, que suplantou o nosso, pelo volume, levando-o à derrocada

Lógico concluir aquela produção máxima, crescendo sempre progressivamente, sem retrocessos, só foi interrompida porque se evadiram os estratores, desbaratando-se a colonização alí instalada com sacrifícios de trabalho e de capitais.

Qualquer estimativa, inspirada em cálculos sôbre a capacidade potencial dos seringais silvestres, é certamente temerária. Mas se, com falta de capitais, exclusivamente com recursos monetários conseguidos a crédito, com uma colonização improvisada, "à gandaia", sem administração do trabalho, sem organização, sem método, sem higiene nem assistência médica, sem os elementos cardiais de êxito a produção gomeira cresceu sempre, como não esperar plenos resultados com a execução

dos “Acordos de Washington”, no tocante à terra da borracha? Trata-se de um empreendimento de economia dirigida, de alta envergadura, presidida por uma orientação técnica e financeira de responsabilidade insuspeitável.

A recolonização é a necessidade precípua; está sendo promovida por meio de medidas rigorosas e urgentes, de caráter quase militar.

Esse tem de ser o meio de repovoar os seringais e não transportando pequenas turmas de imigrantes, de cem a duzentos.

Alarmado ante a deficiência de braço alí, eu ousei sugerir, em artigo publicado no *Correio da Manhã*, de 10 de Maio de 1942, e intitulado — “Borracha, problema de guerra”: “Para uma hora de guerra como a que atravessamos, poder-se-ia pensar na *improvisação de um exército de extratores, mobilizados quase militarmente*, providos de todos os recursos para desencadear a *ofensiva* contra as seringueiras. Seria uma modalidade de mobilização de guerra, com objetivos econômico-industriais, para fins de defesa militar, uma improvisação de corpos expedicionários de seringueiros, entre os quais se enfileirariam veteranos (antigos extratores) e *brabos* (calouros na atividade extrativa)”.

As providências adotadas pelos agentes da execução dos “Acordos de Washington” vêm demonstrar a procedência de tal argumento.

A mobilização de trabalhadores para os seringais está se operando num ritmo quase militar. Avalia-se a necessidade mais urgente em cinquenta a sessenta mil seringueiros, que, somados aos que lá nos seringais já vêm mourejando, poderão dar um contingente de extratores para assegurar uma produção regular, mas que não excederá de cem milhões de quilos de seringa, quando atingir a sua completa organização.

A assistência financeira norte-americana garante o elemento vital do empreendimento. Uma poderosa companhia, “Rubber Development Corporation”, financia a produção com uma cifra de que não há notícia equivalente na região. E não será de estranhar, porque se trate de uma empresa destinada a abastecer a indústria bélica americana, isto é, continental, neste momento de gravíssimas responsabilidades.

São múltiplos os sub-problemas de cuja solução depende o êxito dêsse magno tentamen. transporte, abastecimento de alimentos e de material de extração, assistência médica e profilática.

Subsídios técnicos, concentrados no Rio, Washington, Belém e Manaus orientam os trabalhos, nos seus vários setores de especialização. É um vultoso plano de campanha extrativa, servido por competências comprovadas e por capitais suficientes. Seu resultado está assegurado, como aquisição de matéria prima reputada das mais preciosas para as máquinas de guerra, pois ficou a borracha, na indústria bélica, nivelada aos próprios armamentos.

Mas de que se trata, no momento, alí naquele cenário fabuloso do país das héveas, é de um esforço industrial-militar, para defesa do continente, nesta hora trágica em que a liberdade ameaça periclitarse, se em sua defesa não se erguerem tôdas as barreiras, sustentadas por todos os homens livres da terra.

Era promissora

Em prosseguimento dessa ação subsidiária aos problemas de tática militar, virá indubitavelmente, no desdobramento do gigantesco plano de soerguimento da Amazônia, a obra econômica definitiva, sôbre cujos alicerces se firmará uma grandeza estável e duradora; será o aproveitamento agrícola da região, que exige capital e tempo.

Dentro do plano dos "Acordos de Washington" estarão incluídos os compromissos para essa portentosa realização, com o plantío de héveas, além da cultura dos artigos alimentícios sôbre a qual se apoiará a vida humana nos seringais, isto como duplo objetivo de saúde e equilíbrio orçamentário.

Pôr-se-á em prova, então, a competência técnica especializada, que se demonstrará através da seleção dos tipos de seringueira, da preferência dos terrenos a cultivar, do aparelhamento dos campos de plantação, da assistência alimentar e sanitária aos trabalhadores, das medidas propagadoras de instrução e educação, dêstes e de suas famílias, ensinando-lhes hábitos salutareos, tendentes a erguer o nível mental do homem, aprestando-o para a civilização. Serão postas em prática tôdas as providências pertinentes à grande obra a instalar-se na bacia Amazônica, à maneira *Ford*, do Tapajoz, mas em grande tomo, ciclópica no seu vulto e em sua finalidade.

Chamado pelos Estados Unidos a participar da tarefa de defesa Panamericana, nesta hora de séria emergência, ao Brasil estará reservada, pelos propósitos colaboracionistas que não podem deixar de ser parte integrante dos "Acordos", uma função construtora na paz. É uma grande obra a que se está empreendendo no vale amazônico, mas ainda é uma ação extrativa, e que, por mais aperfeiçoada a técnica de colheita do látex da seringueira, não deixará de ser lesiva à árvore, exaustiva se não destrutiva. A figura por que se pode expressar a investida aos seringais, não pode deixar de ser a de um simile de *ofensiva*, econômica mas agressiva.

Todo o mal, de que padecem a indústria e comércio da borracha, é o de uma atividade exclusivamente extrativa, sem agricultura nem ampliação de novas fontes da matéria prima. Os opulentos seringais silvestres, pouco explorados e ainda por explorar, são riquíssimos, mas muito distantes dos centros consumidores ou exportadores, ressentindo-se dos inconvenientes da distribuição extensiva das héveas. Esse regime de desagregação vegetal, e conseqüentemente humana, precisa ser substi-

tuído por uma cultura intensiva, em terrenos próximos e acessíveis, de maneira a suprimir os danos causados pela distância e dispersão, apontados às páginas anteriores.

Com a riqueza magnífica dos cafezais paulistas, deverá se erguer, no Noroeste brasileiro, uma equivalente riqueza agrícola de plantação de seringueiras. Esse será o complemento a aditar aos "Acordos" firmados em Washington, entre os governos do Brasil e Norte América, caso não esteja, já, neles, assegurado o devido compromisso.

A Inglaterra perpetrou êrro funesto plantando, com capitais fabulosos, os seus seringais no Oriente; obnubilados os olhos dos competentes, que não divisavam, nos confins do horizonte, os perigos através o Pacífico numa eventualidade sempre admitida de guerra com povos asiáticos. Foi uma falência deplorável da estratégia britânica.

A América do Norte, advertida pelo doloroso exemplo, não incidirá no mesmo pecado e fará plantação americana da borracha. Então, ao revés de indústria extrativa, virá montar uma grandiosa máquina de indústria agrícola; e HENRY FORD proclamado um precursor louvadíssimo.

Em minha citada entrevista ao *Correio da Manhã*, em Março de 1923, já abordava o assunto da iniciativa norte-americana no cultivo de borracha, encarando-o até pelo lado estratégico "Afirma-se que na América do Norte, estadistas e homens de finanças começam a se preocupar com um mercado de borracha essencialmente *Yankee*, lançando suas vistas antes para a bacia amazônica do que para as Filipinas, e encarando a questão de um ponto de vista econômico e estratégico".

Começava-se naquele tempo a falar nos intuitos de intervenção norte-americana na produção da borracha, o que não tardou a provocar pruridos de excessivos escrúpulos, zelos de soberania, agoitadas as críticas por patriotas xenófobos. Foi então que produzi, na Sociedade Nacional de Agricultura, em 19 de Junho de 1923, uma conferência sobre este tema: "*Situação econômica do Amazonas, especialmente em face das pretensões Americanas*", na qual versei o assunto com convicção e energia, falando bem alto sobre a necessidade, para nós, de capitais e técnicos que viessem estabilizar a nossa riqueza em goma elástica, rebatendo os irrisórios temores.

Alí mesmo mostrei que HARRY FIRESTONE, há tempos, desfraldava uma bandeira com esta legenda sugestiva: "A América deve produzir a sua própria borracha".

Como demonstração dos intuitos americanos, chegou-nos a filantropia pragmática de HENRY FORD, com uma instituição de real alcance, agrícola, econômico, educativo, saneador, humanitário.

Não haverá, talvez, em nosso país, uma empresa de tão longo e benemérito programa, que laboriosamente tem realizado, partindo do estudo botânico e agrônômico para seleção das seringueiras. Essa obra praticamente está de pé, erguida como um marco de civilização avançada, no coração da selva.

Aquilo com que a filosofia prática e altruística de Ford apresentou à Amazônia deve servir de etapa inicial da grande ação norte-americana na consecução dos acordos firmados em Washington, para que, desenvolvida a plantação de hêveas na Amazônia, tôda a América disponha de borracha dentro do próprio continente. Será uma conquista de alta estratégia para a grande potência norte-americana; e, para a Amazônia, para o Brasil, a implantação, no seu território, de uma grandeza portentosa e durável.

ANOS	Produção em toneladas	ANOS	Produção em toneladas
1827	31	1897	22 260
1828	51	1898	25 355
1829	91	1899	28 695
1830	156	1900	27 650
1840	388	1901	29 971
1850	1 467	1902	29 890
1860	2 673	1903	32 590
1870	6 591	1904	33 090
1880	8 679	1905	34 680
1890	16 394	1906	37 540
1891	17 790	1907	36 650
1892	18 609	1908	38 511
1893	19 430	1909	39 494
1894	19 470	1910	38 177
1895	20 975	1911	44 296
1896	22 320		

Produção e consumo da borracha em toneladas

ANOS	Produção	Consumo	ANOS	Produção	Consumo
1916	201 598	175 000	1921	293 960	332 000
1917	265 698	207 000	1922	379 920	430 000
1918	296 579	216 000	1923	412 771	426 000
1919	326 860	231 000	1924	412 217	465 000
1920	343 731	385 000	1925	515 947	540 000
			1926	614 778	616 440

ANOS	SEGUNDO "FINANCIAL TIMES"		ANOS	SEGUNDO "AMERICAN RUBER ASSOCIATION"	
	Produção	Consumo		Produção	Consumo
1926	621 654	630 000	1926	606 000	575 000
1927	644 511	661 500	1927	623 000	608 000
1928	659 539	694 500	1928	633 000	641 000
1929	665 903	730 000	1929	637 000	672 000
1930	670 777	767 000	1930	641 000	703 000
1931	672 244	805 000	1931	—	—
1932	688 390	845 000	1932	—	—

RESUMÉ

Mr. ARAUJO LIMA, qui est un médecin illustre et un écrivain de renommée commence son étude économique du bassin de l'Amazonie, en faisant une synthèse historique de la découverte et de l'occupation de la rivière où vivaient les peuplades fabuleuses des "Amazones". L'auteur montre comme, d'une part, la cour de CASTILLE démontra peu d'intérêt pour "l'El-Dorado" que l'on venait de découvrir et, comme, d'autre part, les portugais, par leurs efforts systématiques et persévérants, en pénétrant dans ces terres et en chassant les français, les anglais et les hollandais qui s'y étaient installés, sont devenu leur maître "par droit de conquête". Et, en 1637, après les exploits de ORELLANA, le portugais PEDRO TEIXEIRA commanda la première expédition qui remonta le fleuve. Ce fait, plein d'intérêt, ouvrit une communication jusqu'au Pérou et ce ne fut qu'après cette expédition que l'on commença à faire l'exploitation de la vallée de l'Amazonie.

L'auteur observe encore que, depuis 1616, date de la fondation de la ville de Belém par les portugais, ceux-ci commencent à faire la culture du cacao, de la canne à sucre, du coton, du riz, et quelque temps après, du café, lançant ainsi les bases d'une économie agricole.

En donnant toujours leur appui au développement de l'agriculture et en cherchant l'aide des indiens, les portugais possédaient déjà, en 1800, dix-huit petites usines pour faire du sucre et de l'alcool.

La culture du cacao, commencée dans le bas Tocantins, s'est étendue en remontant le fleuve et a eut une grande expansion au long du fleuve Madeira, où l'on trouve encore des vestiges du haut degré de développement atteint par cette exploration et l'auteur remarque qu'il y aurait un grand avantage à reprendre cette culture dont la suprématie en ce moment appartient à l'État de Baía.

L'auteur rappelle encore que le café a pénétré au Brésil par l'État du Pará, en venant des Guyanes, et que cette culture était abondante au long du fleuve Negro, on en faisait l'exportation, par l'Amazonie, jusqu'en 1830. Et l'Amazonie perdit encore une fois l'occasion de garder pour elle le privilège d'une culture. Le Gouvernement a cherché à aider au développement économique de cette région en créant, en 1755, la "Capitania de São José do Rio Negro", dont le siège était à Mailuá et qui a pris le nom de Barcellos, lorsque ce village a été élevé à la catégorie de ville. Une statistique officielle sur la production de cette région publiée, en 1775, fournit les données suivantes: plus de 12 000 arrobas (chaque arropa vaut 15 kg) d'amandes de cacao, 470 de café, 295 de salsepareille; 221 000 pieds de café, 90 000 de cacao, 47 700 de tabac et 870 de coton. Malgré l'appui donné par le Gouvernement, cette région, qui avait atteint un certain degré de développement, finit par tout perdre; l'activité extractive fut la seule qui subsista dans la région. Les causes qui ont provoqué cette décadence ont été, d'après l'auteur, les suivantes: le manque de main-d'œuvre, l'indolence et l'hostilité des indiens, la préférence pour la cueillette des produits naturels, l'arrogance des portugais et l'ignorance des meilleures méthodes à appliquer aux cultures.

La culture du guaraná a été la seule qui, commencée par les indigènes, a été conservée par ses descendants. Cette culture constitue presque un privilège de la région de Maués et représente une tradition des indiens "mundurucús". La valeur du guaraná comme plante médicinale et alimentaire croît chaque jour en prestige.

L'auteur finit son travail en faisant une étude détaillée du problème du caoutchouc et trouve que son exploration représente pour la région un sacrifice de l'homme et de la terre. Mais, avec les mesures prises récemment par le gouvernement, en mobilisant presque militairement une armée de travailleurs, l'auteur croit à la réhabilitation de l'Amazonie.

RESUMEN

El Doctor ARAUJO LIMA, médico ilustre y escritor de nombre, empieza su substancial estudio, haciendo una interesante síntesis histórica de la penetración en el río donde vivían las legendarias "Amazonas". El muestra el desinterés con que los súbditos de la Casa de Castilla se hubieran en lo que atañe al famoso "Eldorado", mientras que el esfuerzo sistemático y perseverante de los portugueses desbarató aquellas tierras, desalojó a los franceses, ingleses y holandeses que allá se instalaban, tornándose sus dueños "por derecho de conquista". Allí se destaca la figura de PEDRO TEIXEIRA quien, después de los hechos de ORELLANA, comandó la primera "entrada" (expedición) subiendo el río, en 1637. Ese hecho lleno de coraje abrió una vía de penetración hasta el Perú. Solo después de la "Expedición Pedro Teixeira" entró de verdad el valle del Amazonas en su periodo de explotación económica.

Dice aun el autor que, desde 1616, fecha en que los portugueses, fundando Belém, han adquirido un poco de firmeza en la codiciada tierra, luego se presentaron para el cultivo del suelo, estableciendo la plantación del cacao, de la caña de azúcar, del algodón, del arroz y después la del café, con lo que se plantaron las bases de una economía agrícola.

Siempre impulsando la agricultura, y con el auxilio brazal de los indios, ya habían montado los portugueses, en el año de 1800, dieciocho molinos de azúcar, aguardiente y alcohol.

El cultivo del cacao, comenzado en el bajo Tocantins, se extendió hacia arriba del río, y tuvo gran incremento en las márgenes del Madeira. Allí aun se encuentran vestigios del alto grado que atingió esa explotación, y el autor recuerda la conveniencia de tratarse de nuevo de la plantación sistemática del valioso producto, cuya prioridad pertenece hoy a Baía.

Recuerda aun el autor que el café, importado de la Guayana Francesa, penetró en el Brasil por el Pará, y que de él había mucho cultivo en las márgenes del río Negro, haciéndose hasta 1830 la exportación por el río Amazonas. Y la Amazonia pierde más esa oportunidad de guardar para ella la primacía del café. El Gobierno buscó ayudar el desarrollo económico de esa región creando en 1755 la Capitania de São José do Rio Negro, con capital en Mailuá, alzada a la categoría de villa con la denominación de Barcelos. Un censo oficial de la producción de la capitania registró, en 1775, los siguientes datos: más de 12 000 arrobas de cacao, 470 de café, 295 de zarzaparrilla; 221.000 árboles de café, 90 000 de cacao, 47 700 de tabaco y 870 de algodón. Apesar del apoyo que le dió el Gobierno Imperial, esa región, que llegó a tener desarrollo económico de cierta importancia, todo lo perdió, quedando solamente la actividad extractiva.

Para esa decadencia han concurrido los elementos negativos indicados por el autor: falta de brazos diligentes y productivos, indolencia y hostilidad de los indios, preferencia por la cosecha de los productos naturales, arrogancia de los portugueses e ignorancia de los mejores métodos a adoptar en los cultivos

Como lo observa el autor, el único cultivo que los nativos han iniciado y conservado por sus descendientes es representado por el guaraná. Cuasi un privilegio de Maués, adonde fué una tradición de los indios de esa región, los "mundurucús", se mantiene allí el cultivo del guaraná, cuyo prestigio como alimento y remedio aumenta cada día

El autor dedica finalmente un largo capítulo al estudio del caucho y dice que su explotación señala el sacrificio del hombre y de la tierra. Feio, según las medidas adoptadas por el actual Gobierno, movilizandolos casi militarmente un ejército de caucheros, entre veteranos y "biabos" (novatos en la actividad extractiva), cree el Doctor ARAUJO LIMA en la rehabilitación de Amazonia, como él lo ha declarado en entrevista que concedió al *Correio da Manhã*

RIASSUNTO

Il dottor ARAUJO LIMA, illustre medico e rinomato scrittore, inizia la sua esposizione con un riassunto storico delle esplorazioni del fiume consacrato alle leggende amazzoni.

Fuene in evidenza il contrasto fra la mancanza d'interesse per il decantato Eldorado da parte dei sudditi della Casa di Castiglia, e lo sforzo sistematico e tenace dei Portoghesi, che, esplorando e aprendo vie in quel territorio, e scacciandone francesi, inglesi ed olandesi che vi si erano installati, se ne resero padroni per diritto di conquista.

Emerge in quest'azione la figura di PEDRO TEIXEIRA, il quale, dopo l'impresa di ORELLANA, nel 1637, comanda la prima spedizione che risale il Fiume delle Amazzoni, con intrépida perseveranza, ed apre una via di penetrazione fino al Perù. Con questa "Spedizione Pedro Teixeira" si apre il periodo dello sfruttamento economico dell'Amazzonia.

A partire dal 1616, mercé la fondazione di Belem, i Portoghesi si installarono stabilmente nella regione e cominciarono a coltivare la terra, piantando cacao, canna da zucchero, cotone, riso, e più tardi caffè; poseiro, così, le basi dell'economia agricola locale.

Al progresso dell'agricoltura seguì quello della lavorazione dei suoi prodotti: coll'aiuto del lavoro indigeno, i Portoghesi avevano impiantato, fino al 1800, diciotto officine per la produzione di zucchero, acquavite e alcool.

La coltivazione del cacao, cominciata nel basso Tocantins, fu estesa lungo il fiume, a monte di codesta zona, e raggiunse grandi proporzioni lungo le rive del Madeira, dove ancora si trovano tracce di ampie e importanti colture. L'autore giudica conveniente ravvivare in quella regione la coltivazione del cacao, oggi concentrata principalmente nello Stato di Baía.

Il caffè, importato dalla Guiana Francese, fu introdotto nel Brasile, da principio nel Pará. La sua coltura si diffuse lungo il Rio Negro; il suo prodotto era esportato, fino al 1830, per il Fiume delle Amazzoni. Ma l'Amazzonia perdettesse poi il primato in questa produzione.

Il governo cercò di aiutare lo sviluppo economico della regione, creando, nel 1755, la Capitania di São José del Rio Negro, la cui capitale, Maiuá, fu promossa al grado di "vila", col nome di Barcelos.

Un censimento ufficiale della produzione della capitania nel 1775 dà le seguenti cifre: più di 180 000 chili di cacao, 8 000 chili di caffè, 4 400 chili di piante aromatiche. Esistevano, secondo quella rilevazione, 221 000 piante di caffè, 90 000 di cacao, 47 700 di tabacco e 870 di cotone.

Malgrado l'appoggio del governo imperiale, la regione amazzonica non riuscì a mantenersi nel grado di sviluppo economico che aveva raggiunto; languirono tutte le attività, eccettuate quelle estrattive. A determinare la decadenza concorsero vari fattori: mancanza di opera manuale intelligente e efficiente, indolenza e ostilità degli Indiani e loro preferenza per la raccolta di prodotti naturali, arroganza dei Portoghesi e loro ignoranza dei metodi più razionali di coltura.

L'unica coltivazione iniziata e continuata dagli indigeni è quella del "guaraná", il cui prodotto va acquistando crescente importanza come alimento e come medicinale. Questa coltura costituisce quasi un monopolio tradizionale degli Indiani "mundurucús", della regione di Maués.

L'autore tratta infine a lungo della gomma, la cui produzione esige grandi sacrifici dall'uomo e dalla terra. Malgrado le difficoltà che si oppongono, egli spera nel risorgimento dell'Amazzonia, anche per merito dei provvedimenti presi dall'attuale governo, con la mobilitazione quasi militare di un esercito di raccoglitori di gomma ("seringueiros"), veterani e novizi.

SUMMARY

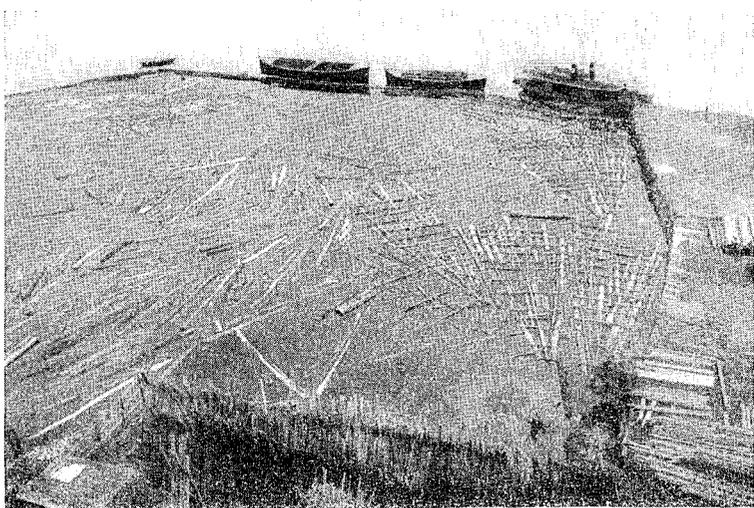
To begin with his substantial study, Dr. ARAUJO LIMA, illustrious physician and renowned writer, makes an interesting historical synthesis of the exploration in the river where the legendary "Amazonas" lived. He mentions the lack of interest on the part of the subjects of Castile toward the much-praised "Eldorado", in contrast with the systematic and continuous endeavor of the Portuguese who, by settling these lands and driving out the French, the English and the Dutch, have become their owners "par droit de conquête". There outstands the figure of PEDRO TEIXEIRA who, after ORELLANA's accomplishments, headed the first "entrada": a penetration into the interior through the river in 1637. This was a bold feat opening up the way into Perù. In fact, it was not until after "Pedro Teixeira's Expedition" that a period of economic exploitation really began in the Amazon Valley.

The author says still that since 1616, the time when the Portuguese founded Belem and gained more firmness for their footing on the coveted land, tillage was started and soon plantations for cacao, sugar-cane, cotton, rice and later on coffee were set out and became the basis of a farming economy.

By calling agriculture on to development with the help of Indian labor, up to the year of 1800 the lusitanos had succeeded in building eighteen mills to care for cane, aguardante and alcohol.

Depósito de madeira ao lado de uma serraria nos arredores de Manaus Para transportar madeira a rio-abaixo, utilizam-se jangadas do feitio triangular, como se vê na foto ao lado

Foto coleção "Panahi do Brasil"

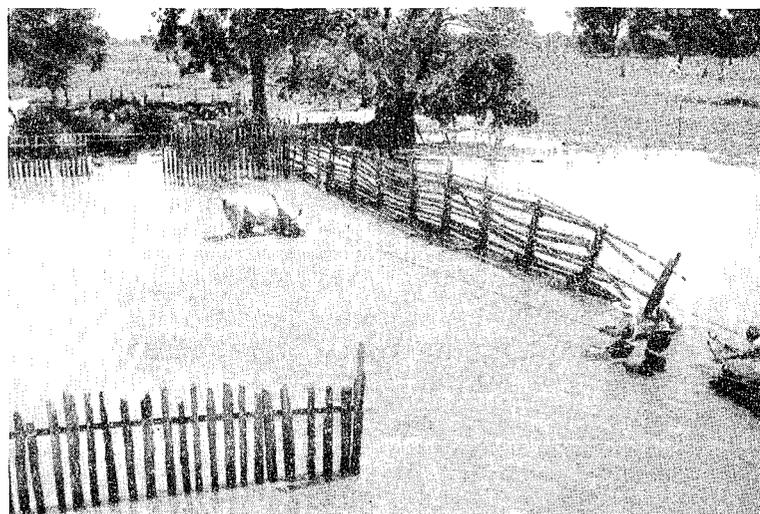


Rio Amazonas —
Um aspecto de
alagação

Foto Di Clóvis
MARTINS

Embarque de gado
no rio Amazonas

Foto coleção
"Panahi do Brasil"



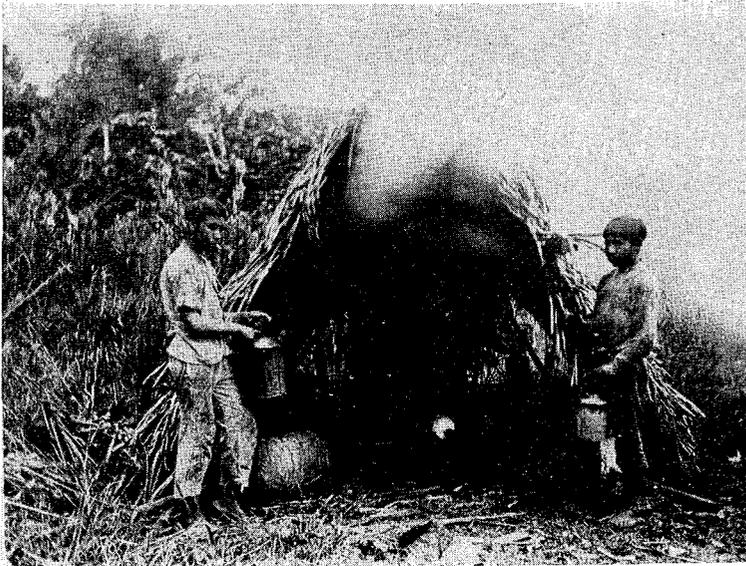


Um seringal nos subúrbios de Manaus. Já houve interferência do homem, quer no plantio, quer nos tratamentos culturais.



Cacau do baixo Amazonas. Como diz o prof. ARAÚJO LIMA, seu primado, que já pertenceu à Amazônia, a ela devia voltar.

Fotos coleção "Panahi do Brasil"

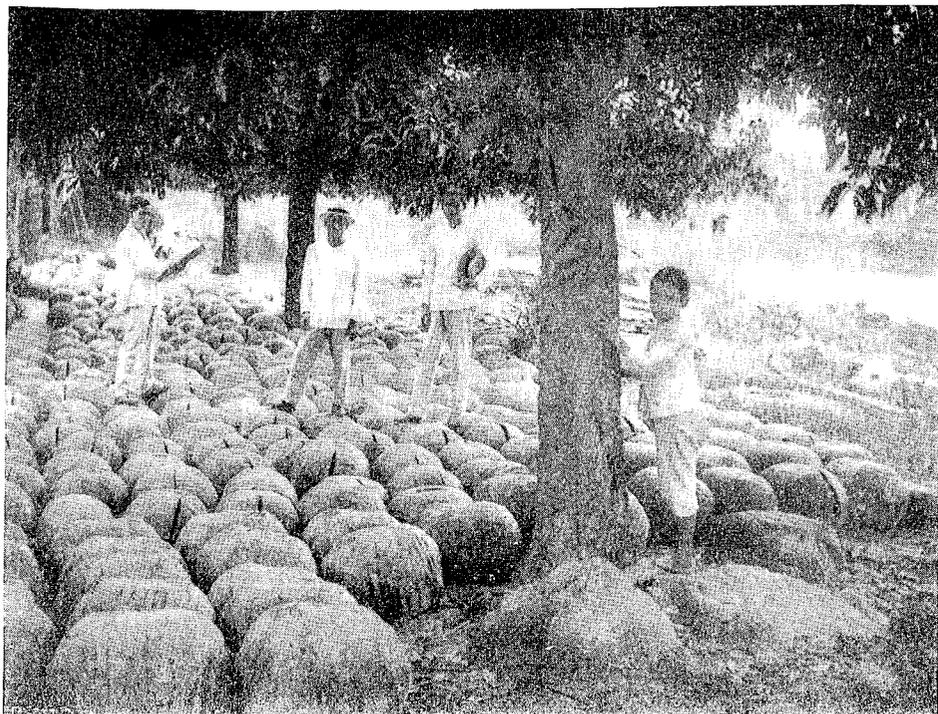


1° — Chegada ao "tapui", pequena palhoça onde se processa a operação, com o produto da colheita

2° -- Esvaziando os buíões. Notem-se "bolas" já "defumadas", ainda com a haste que serviu de eixo coagulador



3° — Atiçando o fogo A "bola" que se vê, no tempo devido, será trazida para a fumaça, e, sobre ela, lentamente, irá sendo denamado o "leite". No chão pedaços de madeira e algumas sementes que alimentam o biseio



Um lote de peles de borracha, no terreno de um barracão, destinadas a embaque para Manaus. Observe-se o golpe que elas apresentam, consequência de uma primeira classificação

Foto D R G A



Lâminas de "borracha crepe" preparadas em Manaus, destinadas à exportação

Foto D R G A

Cacao cultivation starting in lower Tocantins and then up the river largely extended on the margins of the Madeira. Even now signs of the high grade attained by such exploitation are to be found over there, and the author make us mindful of the advantage to carry on again the systematic planting of the valuable product, which today is a dominant staple in Bahia.

The author recalls still that coffee, imported from the French Guiana, was introduced into Brazil through Pará. There was much coffee — farming going on along the Rio Negro shores and until 1830 exportation developed through the Amazon river. And the valley lost another chance to become the chief area of this crop. The government tried to help this region develop economically by creating in 1755 the Captaincy of São José do Rio Negro, placing its capital town in Mariuá with the higher rank of a village named Barcelos. An official census of production taken in the captaincy in 1755 accounts the following: more than 12 000 arrobas (a weight of thirty two pounds) of cocoa, 470 of coffee, 295 of salsa; and, in seedlings: coffee, 221 000; cacao, 90 000; tobacco 47 700; and cotton, 870.

Despite the support given by the Imperial Government and a record of some appreciable expansion this region failed economically and there was only to remain the extractive activity. The causes of such a decline are ascribed to the negative elements which the author has considered: lack of diligent and productive hands, Indian inertia and hostility, preference for crops of natural products, the arrogance of the Portuguese and their ignorance of the best farming methods.

As the author observes, the guaraná represents the only crop raised by the natives and maintained by their offspring. Almost a privilege of Maués, where it had been a tradition of the local "munducurus" Indians, the cultivation of guaraná is still going on with growing prestige both as food and medicine.

The author finally devotes a long chapter to the study of rubber and says that its exploitation marks the sacrifice of man and soil. But, in view of the measures adopted by the government, now undertaken in rather a military fashion for the mobilization of an army of seingueiros (rubber collectors) from among veterans and "brabos" (freshmen in the extractive), Dr. ARAUJO LIMA believes, as he indeed declared so to the press, in the rehabilitation of the Amazonia.

ZUSAMMENFASSUNG

Herr Dr. ARAUJO LIMA, ein bekannter Arzt und Schriftsteller von Ruf, beginnt seine Abhandlung mit einer interessanten historischen Analyse der Entdeckung des Flusses wo die "legendären Amazonen" lebten. Dann erwähnt er die Uninteressiertheit der Untertanen des Hauses von Castela in Bezug auf das so berühmte "El-Dourado" im Gegensatz zu den systematischen und andauernden Anstrengungen der Portugiesen, welche jene Gegenden erforschten und von dort die Fianzen, Engländer und Holländer vertreiben, womit sie durch das "Recht der Eroberung" die Herren dieser Länder wurden. Unter diesen Portugiesen nimmt PEDRO TEIXEIRA eine Vorzugsstellung ein; er war es welcher nach den Kämpfen von ORELLANA, die erste "Erforschung" den Fluss aufwärts im Jahre 1637 machte. Dieser Zug voller Kühnheit öffnete einen Weg bis nach Peru. Erst nach der "Expedition Pedro Teixeira" trat das Tal des Amazonas erst in seine Periode der wirtschaftlichen Ausnutzung.

Weiter erwähnt der Autor dass seit dem Jahre 1616, in welchem Jahr die Portugiesen mit der Gründung von Belém etwas mehr Sicherheit in dem so begehrten Land fanden, sofort mit der Urbarmachung des Bodens angefangen wurde; Kakaopflanzungen wie auch Zuckerrohr-Baumwoll- und Reis-pflanzungen, wie auch die des Kaffees bildeten die Grundlagen der wirtschaftlichen Entwicklung.

Im Jahre 1800 hatten die Lusitanier in dieser Weiterentwicklung des Ackerbaus schon 18 Zucker-Schnaps- und Alkoholbrennereien gegründet.

Die Kakaopflanzungen, die am unteren Lauf des Flusses Tocantins ihren Anfang genommen hatten, erstreckten sich den Fluss hinauf und entwickelten sich besonders an den Ufern des Flusses Madeira. Hier findet man noch heute Zeichen der grossen Entwicklung die damals der Kakao hatte und der Autor meint mit Recht dass es wohl ratsam wäre wieder mit der Anpflanzung dieses wertvollen Produktes-welches heute den Hauptertrag des Staates Bahia bildet-anzufangen.

Dann erinnert uns der Autor dass der Kaffee über Pará in Brasilien eingedrungen ist und dass früher viele Pflanzungen dieses kostbaren Produktes an den Ufern des Flusses "Rio Negro" zu finden waren und dass bis 1830 die Ausfuhr über den Amazonas ging. Und Amazonien verlor auch diese Gelegenheit für sich die Vorherrschaft dieses Produktes zu behalten! Die Regierung versuchte der wirtschaftlichen Entwicklung dieser Gegend zu helfen indem sie im Jahre 1755 die Kapitanie São José do Rio Negro, mit der Hauptstadt im Mariuá gründete, später wurde dieser Ort zu einer Stadt mit dem Namen Barcelos umgewandelt. Eine offizielle Zählung der Kapitanie im Jahre 1775 zeigte folgende Daten: mehr als 12.000 Arrobas (1 arroba — 15 kilos!) Kakao; 470 Arrobas Kaffee; 295 Arrobas Salsa; 221 000 Kaffebäume; 90 000 Kakaostäucher; 47 700 Tabakpflanzen und 870 Baumwollstäucher. Trotz der Unterstützung der kaiserlichen Regierung verlor diese Gegend, die eine wirtschaftlichen Entwicklung von gewisser Bedeutung gehabt hatte, alles bis auf kümmerlich Reste der Mineralien. Verschiedene Gründe dieser Dekadenz gibt uns der Autor: Mangel an produktiven und arbeitsamen Arbeitern; Indolenz und Feindlichkeit der Indianer, ein Vorziehen der Ernten derohe zu habenden Produkten, Arroganz der Portugiesen und Unkenntnis der besseren Pflanzmethoden.

Wie der Autor feststellt gibt es nur eine Kultur die von den Eingeborenen angefangen und von den späteren Bewohnern fortgesetzt, die des Guaraná. Beinahe ein Privileg von Maués, wo diese Frucht eine Tradition der Indianer dieser Gegend war, hat sich die Kultur des Guaraná, die als Nahrung und Heilmittel von Tag zu Tag bedeutender wird, bis zum heutigen Tag durchgesetzt.

Zum Schluss widmet der Autor ein grosses Kapitel dem Studium des Gummis und stellt fest dass die Exploitation dieses Produktes gleichweitig ist mit dem Opfer des Mannes und der Erde. Mit den neuen Bestimmung der Regierung, die beinahe wie in einer militärischen Mobilisation, ein ganzes Heer von Gummipflanzen und — Sammlern geschaffen hat, glaubt Dr. ARAUJO LIMA jedoch, dass eine Wiedergeburt von Amazonien durchaus möglich sein wird; diesen Standpunkt hatt er auch Gelegenheit in verschiedenen Interviews im *Correio da Manhã* klar zu legen.

RESUMO

D-10 ARAUJO LIMA, klera kuracisto kaj famkonata verkisto, komencas sian ideoriĉan studon farante interesan historian sintezon de la esplorado de l' rivero, kie vivis la fabelaj "Amazonas" (*militistinoj*) Li montias la seninteresiĝon, kiu la regnantoj de la Domo de Kastilujo elmontis rilate al la laŭdegata "El-Douado", kompare kun la sistema kaj peisista klopodo de la portugaloj. Kiuj traesploris tiujn terojn, elpelis la francojn, anglojn kaj nedelandanojn, kiu tie instaligis, ĝigante siaj posedantoj, "laŭ konkerita rajto" Tie elstarigis la figuro de PEDRO TEIXEIRA, kiu, post la falo de ORELLANA, estris la unuan "enĉono", laŭ la riverfluo, en 1637. Tiu ĉi kuaĝoplana falo malfeimis penetradan vojon ĝis Peruo Nun post la "Ekspedicio Pedro Teixeira" la valo de Amazonas reale eniis en sian periodon de ekonomia esplorado

La aŭtoro diras ankaŭ, ke de 1616, kiam la portugaloj, fondinte Belem'on, akiris iom da firmeco en la dezirata tero, ili tuj sin prezentis por la kulturo de l' grundo starigante la plantadon de kakao, sukerkano, izo kaj, poste, de kafo, per kiu ili firmigis la bazojn de teikultura ekonomio

Ciam impulsante la plantkultivadon kaj per la braka helpo de la indiĝenoj, la portugaloj jam estis instalintaj, en la jaro 1800a, dek-ok fabrikojn de sukero, biando kaj alkoolo

La kulturo de kakao, komencita ĉe la malalta Tocantins, etendiĝis laŭ la rivera supro, kaj havis grandan estiĝon ĉe la bordoj de rivero Madeira Tie ankoraŭ renkontiĝas restaĵoj de la alta grado atingita de tiu esplorado kaj la aŭtoro rememorigas la konvenecon denove zoigi pri la sistema plantado de tiu valora produkto, kies supereco apartenas hodiaŭ al Stato Baía

La aŭtoro ankaŭ rememorigas, ke la kafo, importita el la Franca Gujano, enpenetris en Brazilon tia Pará, kaj, ke estis granda ĝia kultivado ĉe la bordo de rivero Negro, kies eksportado estis farata ĝis la jaro 1830a tia la rivero Amazono Kaj Amazonio penis helpi la ekonomian disvolviĝon de tiu regiono kreante en la jaro 1755a la Kapitancon São José do Rio Negro, kun ĉefurbo en Mariuá, plialtigita al la kategorio de urbeto sub la nomo Barcelos Oficiala inventaro de la produktato de tiu kapitaneco farita en la jaro 1775a montris, ke tiam ekzistis: pli ol 12 000 dekkvinkilogramoj de kakao, 470 da kafo, 295 da petoselo; 221 000 kafujoj, 90 000 kakaujoj, 47 700 tabakujoj kaj 870 kotonujoj Malĝiaŭ la apogo donita de la Imperia Registaro, tiu regiono, kiu sukcesis atingi iom gravan ekonomian disvolviĝon, ĉion perdis, restante nun la ekstraktebla aktiveco Por tiu dekadenco kontribuis la neaj elementoj indikitaj de la aŭtoro: manko de diligentaj kaj produktemaj biakoj, malferivo kaj malamikeco de la indiĝenoj, prefere por la kulturo de la naturaj produktoj, aringanteco de la portugaloj kaj nescio de la plej bonaj metodoj adoptitaj ĉe la kulturoj

Kiel montras la aŭtoro, la sola kulturo komencita de la enlanduloj kaj konservitaj de ties posteuloj estas la gvaranao. Preskaŭ privilegio de Maués, kie ĝi estis tradicio de la indiĝenoj de tiu regiono, "la munduucús", sin tenas tie la kulturo de l' gvaranao, kies prestiĝo kiel nutiaĵo kaj medikamento ĉitutage kreskas

Fine la aŭtoro dediĉas longan ĉapitron al la studo de l' kaŭĉuko, dhante, ke ĝia esplorado montras la ofejon de la homo kaj de la grundo Sed, konforme kun la mezuroj adoptitaj de la nuna Registaro, mobilizante preskaŭ milite armeon de kaŭĉuk-kultivistoj, el veteranoj kaj "brabos" (novuloj ĉe la ekstrakta aktiveco), d-10 ARAUJO LIMA kredas, kiel cetere li deklaris en intervjuaĵoj permesataj al la ĵurnalo *Correio da Manhã*, al la rekedigitio de Amazonio